

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
PRÁTICA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE
CURSO

Júlia Bortolini Moschetta

O Planejamento como necessidade na prática do professor

Porto Alegre

2015

Júlia Bortolini Moschetta

O Planejamento como necessidade na prática do professor

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para obtenção do grau de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Eunice Aita Isaia Kindel

Porto Alegre

2015

Agradecimentos

Minha satisfação é imensa em agradecer a estas pessoas queridas.

À minha mãe, Vera Lúcia, obrigada de todo o meu coração pelo amor, dedicação e esforço em criar as tuas filhas. Obrigada por incentivar-nos ao estudo, por fazer das tuas ações a realização dos nossos anseios e necessidades. Agradeço todo o apoio e fortaleza que me deste durante este período de formação, incluindo o teu interesse em relação às últimas etapas deste trabalho, e também por sempre te preocupares quanto a minha alimentação, mesmo estando longe – obrigada por faltar a minha geladeira! Enfim, agradeço por crer na minha decisão em me tornar professora.

Agradeço à minha irmã, Emilia, pelas risadas que sempre me proporcionas, por saber que farias qualquer coisa pelas tuas irmãs. Obrigada por trazer às nossas vidas um dos presentes mais lindos de Deus, o meu afilhado Lorenzo.

O que seria de mim sem esta pessoa? Minha irmã Laura, a quem admiro e com quem compartilho tudo o que sou. Sou grata a ti por estar sempre ao meu lado, pelo teu interesse na Biologia, o qual nos proporciona longas, divagantes e engraçadas conversas sobre a Vida. Percebo o teu sentimento carinhoso em relação à Educação e agradeço pelo teu apoio e respeito desde a primeira vez que expressei minha vontade em seguir a carreira docente. Ainda, de maneira muito atenta e divertida, revisaste cada palavra deste trabalho, proporcionando-me a sensação de segurança para escrevê-lo. Laura, ¡gracias!

Ao meu pai, Sérgio, agradeço por tudo o que me ensinaste e pelo contínuo incentivo ao estudo. Além disso, um muito obrigada pela ajuda nas várias mudanças de moradia que foram necessárias no período inicial da faculdade.

Eunice, obrigada por me orientar neste trabalho, por ser parte dele e por me dar o privilégio de aprender e de crescer com cada palavra tua. Agradeço o envolvimento, o olhar atento, a disponibilidade, a organização, a objetividade e o carinho que sempre estiveram presentes em cada detalhe. Ter sido tua aluna no estágio de docência em Ciências me transformou por completo, e foi aí que decidi querer ser professora.

Agradeço à minha avó, Ignez, cuja lembrança sempre vive em mim, por todos os momentos de convivência e também por me possibilitar oportunidades de estudo.

A todos os meus amigos, muito obrigada! Agradeço, em especial, à minha grande amiga Nani que, sempre disposta a ajudar, organizou algumas partes práticas deste documento.

Quero agradecer a todos os professores participantes da pesquisa que cederam o seu tempo para estar comigo e possibilitar a realização deste trabalho. Agradeço também aos supervisores e coordenador pedagógicos pela atenção na realização das entrevistas. Manifesto um agradecimento especial às escolas que abriram suas portas para que eu realizasse este estudo.

RESUMO

Para uma prática docente significativa e transformadora, é necessário que o professor planeje as suas aulas. Como processo contínuo de reflexão, de tomada de decisão e de ação, o planejamento orienta o trabalho do professor e o envolve no cotidiano escolar, tornando-o o agente das mudanças. Contudo, se o plano, que é o produto do planejamento e que, portanto, representa a execução da proposta daquilo que se pensou, for apenas a organização de atividades a serem desenvolvidas em aula, o planejamento transformador em busca da mudança não acontece. Assim, a intencionalidade para intervir na realidade, para enfrentar a inércia que muitas vezes acontece na escola, está no planejamento. Em vista disso, o objetivo deste trabalho foi o de investigar se os professores planejam e como isso acontece. De maneira a englobar os aspectos referentes a essa ação, foram entrevistados, por meio de um questionário, onze professores de Ciências e de Biologia de escolas da rede pública e da rede privada, bem como foi feita a análise do material de planejamento entregue por esses professores. Além disso, foram observadas duas aulas de um professor de Ciências e uma aula de um professor de Biologia. Por estarem em contato direto com o planejamento dos professores, os supervisores e coordenador pedagógicos de três das quatro escolas participantes também foram entrevistados. A partir da análise dos resultados, percebe-se que a maioria dos professores não planeja de verdade, isto é, que não atribui intencionalidade à aula para que esta seja significativa e vise a transformar a realidade dos alunos. Ademais, constata-se que os professores confundem planejamento com plano, o que, conseqüentemente, acarreta em aulas que não tenham um planejamento efetivo, mas sim atividades a serem realizadas pelos alunos. Para que o trabalho do professor não seja a mera reprodução de conhecimento e uma ação sem sentido, é necessário o planejamento.

Palavras-chave: Planejamento; Planejamento do Professor; Ensino de Ciências e de Biologia.

SUMÁRIO

1. Introdução	03
2. Referencial Teórico	05
3. Delineamento Metodológico	09
- Visita às escolas	09
- Escolha dos professores	10
- Elaboração do questionário	12
- Aplicação do questionário	18
- Material de planejamento dos professores	19
- Elaboração da entrevista.....	19
- Realização das entrevistas.....	21
- Aulas observadas.....	22
- Apresentação e procedimento de análise dos resultados	22
4. Análise dos Resultados e Discussão	23
5. Considerações Finais	64
6. Referências Bibliográficas	65
Anexos	67

1. Introdução

Por que o professor deve planejar? Por que ele precisa envolver-se com essa atividade? Antes de tudo, é preciso que o professor acredite nessa ação, acredite no planejamento, que o veja como algo que orienta o seu trabalho e que é essencial para um ensino significativo, intencional e de qualidade. Um ensino planejado antevê formas possíveis e desejáveis de se trabalhar, evitando a rotina viciada de sala de aula e a improvisação que tanto acontece. Comprometer-se com o planejamento proporciona a reflexão permanente, o pensar mais sistematicamente sobre a realidade, sobre a proposta e sobre a própria prática (VASCONCELLOS, 2010); assim, o professor não fica estagnado no que sempre se fez, ultrapassando as barreiras da comodidade da reprodução e tornando-se o agente das mudanças.

Dessa forma, segundo Vasconcellos (2010), o pano de fundo de todo o processo de planejamento é o desafio da transformação, isto é, de conseguir efetivamente criar algo novo, ousar fazer, avançar, dar um salto qualitativo. Desafio esse que depende de sujeitos que o assumam tanto na elaboração quanto na realização, pois, ainda que poderoso, o planejamento é apenas um instrumento teórico-metodológico e não deve ser encarado como o “salvador da pátria” se não há a intenção de que ele aconteça.

Na escola, o planejamento acontece para os vários serviços existentes – direção, supervisão, professores – e, muitas vezes, não parece ser muito eficaz porque não é executado, sendo visível a distância entre as intenções expressas nos planos e as práticas concretas realizadas (MENEGOLLA e SANT’ANNA, 2003). A realidade da escola parece ser o planejar por planejar, uma ação vazia de sentido.

Os professores, por sua vez, desacreditados da validade do planejamento, encaram-no como algo que existe apenas para satisfazer a burocracia escolar, no preenchimento já mecânico de formulários intermináveis que são engavetados e nunca consultados, ou seja, muito pouco do que é planejado parece ser efetivamente colocado em prática. É desanimador perceber que os professores não veem o planejamento como qualificação do seu trabalho e que, por não haver a reflexão, a preparação, a realização e o acompanhamento de um planejamento, as aulas acontecem, frequentemente, de maneira tradicional, com o professor sendo dono da palavra e os educandos meros ouvintes e reprodutores de um conhecimento estancado em livros didáticos.

Não só o descrédito, mas também a alienação do educador, caracterizada pela falta de compreensão e domínio nos vários aspectos da tarefa educativa, faz com que ele não tenha compreensão do seu trabalho na complexidade que este implica, impossibilitando uma prática significativa e transformadora, o que, conseqüentemente, leva o educador ao sofrimento, ao desgaste, à acomodação, à desconfiança (VASCONCELLOS, 2010). Será, então, *“que o educador não pode dominar o seu fazer? Até quando haverá de continuar nesta situação? Será possível ao educador saber o ‘porquê, para quê e como se faz’ de sua atividade, ou ele estará condenado a fazer como os outros fizeram?”* (VASCONCELLOS, 2010, p. 34). Fazer um trabalho mais consciente, crítico, criativo e significativo requer que o professor deva se rever, se capacitar, sair do dito “piloto automático” e enfrentar conflitos, uma vez que não há sentido no planejamento se o seu trabalho é marcado pela alienação (VASCONCELLOS, 2010).

O interesse e a decisão em estudar a temática do planejamento deve-se a minha experiência como docente estagiária nas disciplinas da graduação, na qual, antes de assumir as turmas, observei aulas de alguns professores de diferentes áreas e foi aí que me deparei com um ensino não planejado para a reflexão e a participação dos alunos, mas sim centrado no conteúdo e apenas na tarefa a ser realizada. Em alguns casos, concluí que as aulas nem mesmo haviam sido planejadas e, aqui, as descrevo brevemente para exemplificar o não planejamento:

- A aula de Inglês na qual a professora mandou que os alunos copiassem no caderno uma tabela do livro didático e que traduzissem as palavras contidas nela. Durante toda a aula, a professora permaneceu sentada à mesa com o seu notebook sem interagir com os alunos ou ao menos tentar perceber suas dificuldades e facilidades na atividade, muito menos explicou o porquê da atividade (se é que havia um objetivo). Ouvi os alunos se perguntando sobre a tradução das palavras e até não entendendo algumas delas. Ao final da aula, a professora pegou seu livro e traduziu a tabela em voz alta para que os alunos corrigissem.
- A aula de Ciências na qual a professora utilizou a primeira meia hora para organizar a tabela de notas, sendo que, enquanto isso, os alunos simplesmente ficaram sentados sem ter o que fazer. Após, ela leu em voz alta o capítulo de duas páginas sobre o conteúdo e mandou que os alunos fizessem os exercícios do livro.

O que percebi nas minhas observações também foi visto pelos meus colegas do estágio em outras tantas escolas: aulas com pouca ou nenhuma participação dos alunos, falta de estímulo e de autonomia deles, exposição do conteúdo sem questionamentos. Alguns colegas, entretanto, relataram aulas nas quais houve um maior comprometimento e envolvimento dos alunos, o que pode ser resultado de um planejamento prévio feito pelo professor.

Diante desse cenário, o qual expressei como “Não é possível que os professores não planejem a aula!”, meu principal propósito foi investigar se os professores realmente planejam suas aulas. Ademais, objetivei analisar se os professores percebem a diferença entre planejamento e fazer planos de aula; analisar como são feitos seus planejamentos, se são voltados para a mudança da realidade ou para o conteúdo; e descobrir de que maneira eles têm seu planejamento cobrado pela escola.

Saliento que não foi objetivo deste estudo tratar de planejamentos mais abrangentes, como o do sistema de educação, da escola, setorial, curricular, entre outros, mas sim do planejamento do professor, aquele que reflete na sua prática e no que acontece em sala de aula. Também não se objetivou apontar qual o melhor tipo de planejamento, nem modelos de planos que podem ser utilizados pelos professores, pois o que busco é apresentar o planejamento como uma necessidade, algo que pode fazer a diferença para aulas mais significativas, aulas que levem em conta quem são os alunos e que superem o viés reprodutivista.

2. Referencial teórico

Para conceituar Planejamento, utilizo o aprofundamento da temática realizado por Vasconcellos (2010). Planejar é antecipar mentalmente uma ação ou um conjunto de ações a serem realizadas e agir de acordo com o previsto, na intenção de atingir certos objetivos que decorrem de necessidades criadas por uma determinada realidade. Planejar, portanto, não é apenas algo que se faz antes de agir, mas é também agir em função daquilo que se pensou, ou seja, é necessária a execução. Trata-se de projetar uma ação, mas não qualquer, pois é uma ação a ser realizada, que torna real; é uma ação que visa a um fim, e por sua vez, tanto o fim quanto a ação estão relacionados a uma realidade a ser

transformada. Planejar é também se comprometer com a concretização do que foi elaborado enquanto plano. Logo, a ação mediada pelo planejamento passa a ser consciente e intencional, ela intervém na realidade visando a sua mudança.

Existem diversos tipos de planejamentos e de planos na escola: escolar, curricular, de curso, da disciplina, de aula. É difícil entender quais os objetivos de cada um e, mais ainda, quando as palavras planejamento e plano se confundem, as quais, sim, têm significados e propósitos diferentes. O planejamento é o *processo*, contínuo e dinâmico, de reflexão, de tomada de decisão, de colocação em prática e de acompanhamento; ele é permanente, ou seja, é algo que deve ser constante na prática docente e que, portanto, envolve o professor no cotidiano escolar. É o exercício constante da ação-reflexão-ação, o que caracteriza o ser educador. O plano é o *produto* dessa reflexão e da tomada de decisão, que pode ser explicitado em forma de registro, de documento ou simplesmente assumido como uma forma de decisão e permanecer na memória viva como guia da ação. O plano é a ação do planejamento, é colocá-lo em prática, sendo provisório, ou seja, com a constante reflexão sobre o planejamento, o plano pode ser mudado, e mesmo depois de executado, ele pode e, muitas vezes, deve ser mudado. Os planos passam, o planejamento permanece (VASCONCELLOS, 2010).

O cotidiano do trabalho do professor atualmente é bastante complexo, à medida que a sobrevivência exige que o mesmo trabalhe em diferentes escolas, em diferentes horários e, conseqüentemente, sobra pouco ou quase nenhum tempo para o preparo da atividade docente e, assim, as aulas não são bem planejadas e a utilização do livro didático dribla a falta de um planejamento cuidadoso, fator essencial para um trabalho pedagógico de qualidade (FUSARI, 1988). Além da falta de tempo, outros fatores estão implicados para que o planejamento seja uma ação sem sentido.

Vasconcellos (2010) constata que a situação geral dos professores é a descrença no planejamento, e as principais queixas sobre esse processo são apresentadas a seguir:

1. Para a grande maioria, o jeito que o planejamento vem sendo feito não funciona, pois é inútil planejar se tudo é mera formalidade. O processo não acontece na prática, limita e escraviza o trabalho do professor, além de ser muito complicado e fora da realidade concreta da escola.

2. Não é possível planejar, pois a tarefa educativa é impossível de ser prevista; não há condições para isso, já que os professores têm muitas turmas, e a realidade é muito dinâmica, tudo sempre muda.
3. Não é necessário planejar, visto que os professores “dão conta do recado”.

Encarar o planejamento como idealismo, de que com ele tudo é possível, uma vez que é feito apenas no preenchimento de planos, pode ser cair no erro de que as coisas não aconteçam fora do papel. Outra noção de planejamento que pode gerar o seu desgaste é o formalismo, já aqui comentado, no qual a elaboração dos planos, feita somente para ser entregue, fica desconexa da realidade dos alunos e acaba gerando desilusão nos professores (VASCONCELLOS, 2010).

A perspectiva de planejamento apresentada por Vasconcellos (2010) é a da *mudança da realidade*. O fator decisivo para a significação do planejamento é a percepção da necessidade da mudança pelo sujeito. Muitos professores parecem tão satisfeitos ou talvez alienados com suas práticas que não sentem necessidade nem de aperfeiçoamento. Quem não quer mudar obviamente não sente necessidade de planejar e, por conseguinte, o que ocorre em sala de aula é a mera reprodução. No entanto, se a aula corresponde a um desejo de intervenção, a um projeto de investigação, o professor irá planejar, pois terá interesse em acompanhar, em prever os passos, em querer que dê certo. Ele estará envolvido. Para a mudança ocorrer, o professor deve resgatar-se como ser autônomo, se colocar como sujeito de transformação (mudança em direção à emancipação humana) quanto a uma prática, quando em relação a ela existe um querer, pois ele estará decidido a fazer alguma coisa, e um poder, pois terá capacidade de realizar algo.

Quanto à descrença dos professores no planejamento, o passo a ser dado é o da sua valorização, entendê-lo realmente como uma necessidade. Portanto, é preciso sentir que planejar faz sentido, que é necessário.

Nessa perspectiva da mudança da realidade, o planejamento não é selecionar quais atividades serão realizadas em aula, não deve ser apenas a seleção de conteúdos a serem transmitidos aos alunos, não pode ser simplesmente definir o que será lido ou transcrito do livro didático, não é uma cópia do que sempre se fez. Planejar de verdade é pensar para quem e por que as aulas devem acontecer; é refletir sobre “O que pretendo com a minha aula para que ela provoque a mudança da realidade?”, tanto no sentido de mudar o que é sempre feito na escola, quanto de significar os conhecimentos; é ver a que interesse serve o conhecimento; é levar em conta os saberes dos alunos e suas

inquietações; é provocar sua participação em aula; é não desperdiçar atividades e oportunidades de aprendizagem. O plano de aula, como produto do planejamento, é um instrumento para o professor e para o aluno porque eles são os atuantes na sala de aula e é ali que acontece a prática de ensino (MENEGOLLA e SANT'ANNA, 2003).

Conforme Amaral (1997 *apud* BALOTIN e KINDEL, 2011, p. 109 e 110),

Não é mais suficiente, embora extremamente necessário, apenas discutir os critérios de seleção de conteúdo, a adequação dos temas em relação às habilidades dos alunos, a pertinência e atualidade das informações, o encadeamento das temáticas e a sequência dos conteúdos nas várias séries de ensino. Precisamos, também, entender a dinâmica de produção de sentido em que estamos envolvidos.

No ensino de Ciências e de Biologia, o professor deixa de ser o informante dos conhecimentos científicos e passa a investigar o que pensam seus alunos, a interpretar suas hipóteses, a considerar seus argumentos e a analisar suas experiências em relação aos contextos culturais (OLIVEIRA, 1997). Com a finalidade de subsidiar essa ação do professor, há os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), um documento elaborado pelo MEC que auxilia tanto na elaboração de planejamentos quanto na condução do processo de aprendizagem dos estudantes, abordando orientações didáticas gerais para o planejamento de unidades e de projetos (BRASIL, 1998).

Uma das temáticas apresentada nos PCN de Ciências Naturais é “Ser Humano e Saúde”, sendo o corpo humano e o alimento uma das abordagens, para a qual os objetivos das aulas seriam os alunos serem capazes de distinguir diferentes tipos de nutrientes, seus papéis na constituição e na saúde do organismo, conforme suas necessidades, e reconhecer aspectos socioculturais relativos à alimentação humana, como a fome endêmica e doenças resultantes de carência nutricional. Os PCN mostram que aulas como essas poderiam acontecer com os alunos interpretando informações de rótulos de alimentos e identificando quais os nutrientes presentes, auxiliando-os a se tornarem consumidores mais atentos à propaganda e às possibilidades de consumo de alimentos mais saudáveis, por exemplo. Entre outras atividades, também pode ser feita uma avaliação sobre os hábitos alimentares dos próprios alunos e, para isso, é preciso fazer uma reflexão sobre as condições de vida dos estudantes e das outras pessoas, bem como sobre o equilíbrio dinâmico dos processos de saúde-doença que todos vivemos.

Para que aulas assim aconteçam é necessário o planejamento, planejar para que a realidade dos alunos esteja inserida nas aulas e para que eles mesmos sintam-se como atores centrais nelas, efetuando uma aprendizagem tão significativa quanto lhes permitam suas possibilidades e necessidades.

Para tanto, é possível planejar sob o enfoque globalizador, o qual caracteriza-se por ser o modo de organizar os conteúdos a partir de uma concepção de ensino na qual o objeto fundamental de estudo para os alunos seja o conhecimento e a intervenção na realidade (ZABALA, 2002). Implica a possibilidade de os alunos estabelecerem inferências e relações por si mesmos, favorecendo ao máximo o estabelecimento do maior número possível de relações entre os diferentes conteúdos aprendidos (HERNÁNDEZ e VENTURA, 1998).

3. Delineamento Metodológico

Para investigar o que os professores pensam e entendem do planejamento, de que maneira o fazem e se realmente planejam, os instrumentos utilizados para a coleta de dados nesta pesquisa foram o questionário, a entrevista semiestruturada, a análise de materiais de planejamento e a observação de algumas aulas, com os quais foi possível registrar diferentes perspectivas, falas e discursos dos entrevistados. Duarte (2004) explica que *“o que dá o caráter qualitativo à pesquisa não é necessariamente o recurso de que se faz uso, mas o referencial teórico/metodológico eleito para a construção do objeto de pesquisa e para a análise do material coletado no trabalho de campo”* (p. 214-215).

Dessa forma, a pesquisa qualitativa utiliza os recursos teóricos para uma análise profunda dos dados, de modo que a simples codificação dos dados não é satisfatória, sendo necessário mostrar como os elementos identificados serão reunidos (SILVERMAN, 2009).

- Visita às escolas

A coleta de dados foi realizada em quatro escolas da cidade de Porto Alegre, algumas sendo instituições tradicionais e outras nas quais atuei como bolsista e possuo vínculo de trabalho. Para representar um universo mais heterogêneo de organização escolar e de atividades que os professores desempenham, as escolas escolhidas foram: uma da rede pública municipal, uma da rede pública estadual, uma da rede pública federal e uma da rede privada.

O primeiro contato com as escolas aconteceu junto à Direção, para a qual foi entregue a Carta de Apresentação (Anexo 1) do trabalho e foi explicada a temática da pesquisa, assim como de que maneira seria realizada a participação dos professores. Em algumas escolas, houve um segundo contato com a Supervisão Pedagógica antes da comunicação direta com os professores, e também já foi comentada a possível necessidade de entrevistar o supervisor posteriormente. Esses setores indicaram os professores que poderiam fazer parte da pesquisa e, a partir de então, procurei-os e conversei com eles explicando que a sua participação consistiria em responder a um questionário sobre aspectos e opiniões pessoais do seu trabalho em relação ao planejamento e se poderiam mostrar algum material do planejamento para consulta e posterior análise. Assim, aceitando participar, foram combinados os momentos disponíveis para a aplicação do questionário.

Resguardou-se o anonimato dos sujeitos da pesquisa e das instituições participantes, seguindo as normas de ética na pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e todos os sujeitos participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 2).

- Escolha dos professores

A pesquisa foi realizada com professores de Ciências e de Biologia, englobando, portanto, os Ensinos Fundamental e Médio. Essa escolha esteve vinculada ao fato de meu campo de atuação docente ser na área de Ciências, o que me fez querer conhecer e responder minhas indagações sobre o planejamento, e de minha formação ser em Biologia, o que facilita a interpretação e a análise dos resultados acerca do planejamento

de aula nessa área. Seria difícil interpretar com certa autonomia e experiência um planejamento de Química ou de Geografia, por exemplo.

Assim, onze professores participaram da pesquisa. Embora um deles seja formado em Química e dê aula dessa disciplina, foi convidado a participar porque também dá aula de Ciências para o 6º ano. Com a intenção de manter o sigilo da identidade dos professores, optou-se por numerá-los e por tratá-los sem especificação de gênero.

Conforme levantamento realizado, conheceu-se o período de magistério dos professores e a sua formação em pós-graduação. Não foi possível obter esses dados de todos eles porque isso foi pensado após alguns questionários serem respondidos, o que dificultou o retorno aos professores por causa dos agendamentos constantes com os outros participantes da pesquisa. Ainda que não tenham sido obtidos os dados da formação em pós-graduação de alguns professores, pode-se presumir o período de magistério destes com certo intervalo de anos. Para certos professores que já haviam respondido ao questionário, as informações foram solicitadas por meio de correio eletrônico cedido anteriormente. A lista com os dados dos professores está relacionada no Quadro 1.

Quadro 1 – Relação dos professores participantes da pesquisa e de quais disciplinas lecionam na escola, juntamente com o seu período de magistério e a formação em pós-graduação, quando existente.

Professor (Disciplinas na escola)	Período de magistério	Formação pós-graduação
1 (Ciências e Biologia)	Há 3 anos.	Não obtive esta informação.
2 (Ciências e Biologia)	Provavelmente há 20 – 30 anos.	Não obtive esta informação.
3 (Biologia)	Há 4 anos.	Mestrado Faz parte do PIBID ¹ -Biologia/UFRGS
4 (Biologia)	Há 13 anos.	Especialização
5 (Ciências)	Há 24 anos.	Cursos de extensão na área de Ciências
6 (Biologia)	Provavelmente há 5 – 10 anos.	Não obtive esta informação.
7 (Ciências)	Provavelmente há 15 – 20 anos.	Não obtive esta informação.
8 (Ciências)	Provavelmente há 20 – 30 anos. Aposentou-se um mês após responder ao questionário.	Não obtive esta informação.
9 (Ciências apenas para o 6º ano. É professor de Química.)	Há 2 anos e meio.	Mestrado Faz parte do PIBID-Química/UFRGS
10 (Biologia)	Há 7 anos.	Doutorado
11 (Ciências e Biologia)	Há 8 anos.	Mestrado

- Elaboração do questionário

Segundo Gil (1999, *apud* CHAER *et al.*, 2011), o questionário pode ser definido como uma técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas às pessoas com o objetivo de obter informações sobre conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, entre

¹ O PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), programa presente em várias universidades do país e na UFRGS desde 2009, é um programa que concede bolsas a alunos de licenciatura que participam de projetos desenvolvidos em escolas da Educação Básica da rede pública de ensino. Os objetivos do programa são inserir os licenciandos no cotidiano escolar e incentivar a permanência desses nos cursos de licenciatura, contribuindo para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores.

outros. Assim, constituindo-se o principal instrumento de coleta de dados desta pesquisa, o questionário foi elaborado na tentativa de englobar importantes e diferentes aspectos referentes ao planejamento, de maneira a investigar se os professores planejam e de que maneira o fazem, quais os recursos didáticos que utilizam quando planejam, se consideram planejar de forma que cada turma tenha suas próprias vivências e se são cobrados de alguma forma por supervisores ou orientadores quanto ao seu planejamento. A necessidade de investigar e de desenvolver esse último tópico surgiu do que relatam e salientam Vasconcellos (2010) e Menegolla e Sant'anna (2003), que muitos professores – a grande maioria – enxergam o planejamento apenas como mera formalidade da escola na entrega de planos, sem que algo funcione na prática.

A construção das perguntas que compõe o questionário é de singular importância, pois é delas que se conseguirá, ou não, obter os dados corretos que se pretendem para o estudo (CHAER *et al.*, 2011). A maioria das perguntas foi construída no formato objetivo de múltipla escolha, caracterizadas pela escolha de apenas um item ou de vários, sendo que para algumas dessas delimitou-se o número de itens a serem assinalados para evitar que os professores marcassem o que não é tão verdadeiro. As perguntas abertas foram feitas para proporcionar explicações e comentários mais pessoais.

Definiu-se que as respostas seriam referentes ao planejamento feito apenas nas escolas onde o questionário foi aplicado, já que havia a possibilidade de os professores trabalharem em outras instituições de ensino e, por isso, planejarem de forma distinta. Para não perder totalmente essa informação, incluiu-se uma pergunta final que indica se o planejamento é o mesmo ou não para turmas em outras escolas.

A sequência das perguntas começa com informações sobre o número de turmas e de alunos que os professores têm, seguindo sobre como planejam, se lhes é cobrada a entrega de planos de ensino e o que eles entendem por planejamento.

Anteriormente à aplicação, o questionário foi testado por dois colegas de graduação para, principalmente, estimar o tempo de resposta a fim de não ser tão extenso, e para identificar possíveis problemas e/ou dúvidas de interpretação e de clareza nas perguntas.

O questionário aplicado aos professores é apresentado no Quadro 2.

Quadro 2 – Questionário aplicado aos onze professores de Ciências e de Biologia.

Este questionário será utilizado na elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso que tem como temática a questão do Planejamento. **Professor(a), as perguntas são referentes ao seu trabalho nesta escola.** Obrigada pela participação.

QUESTIONÁRIO

1. Você atua como professor(a):

- () apenas no Ensino Fundamental
- () apenas no Ensino Médio
- () nos Ensinos Fundamental e Médio

2. Quantas turmas você tem em cada ano de ensino? Escreva o número de turmas no espaço sublinhado indicado abaixo.

- 6º ano Ens. Fundamental: _____
- 7º ano Ens. Fundamental: _____
- 8º ano Ens. Fundamental: _____
- 9º ano Ens. Fundamental: _____
- 1º ano Ens. Médio: _____
- 2º ano Ens. Médio: _____
- 3º ano Ens. Médio: _____

3. Quantos alunos você tem, em média, nas turmas?

- () de 10 a 20
- () de 20 a 30
- () de 30 a 40
- () de 40 a 50

4. Para qual ano você considera mais difícil planejar? Por quê (ex.: pelo conteúdo, pela criticidade das aulas, etc.)? _____

5. O que você considera no momento de fazer seu planejamento? Marque, a seguir, os SETE itens que estão mais relacionados a sua prática de planejamento.

- () Agendar datas de provas e de trabalhos
- () Definir os objetivos: por que esta aula deve acontecer?
- () Elaborar um registro de observações que avalie os alunos a cada aula
- () Definir o conteúdo a partir do livro didático e utilizar as propostas nele contidas
- () Conhecer as experiências de vida dos alunos
- () Organizar o conteúdo para a aula expositiva

- Sondar os alunos objetivando identificar o que eles já conhecem, ao que aspiram
- Atividades lúdicas (jogos, brincadeiras, materiais lúdicos)
- Organizar aulas práticas
- Organizar as notas dos alunos em avaliações pontuais, como provas e trabalhos
- Reconsiderar a temática de uma aula já planejada a favor do interesse dos alunos por outro assunto
- Utilizar o mesmo planejamento de anos anteriores

6. Dentre os recursos didáticos listados abaixo, quais você utiliza frequentemente para planejar suas aulas?

- Livro didático
- Internet - pesquisa geral
- Sites da internet específicos com planejamentos de aula
- Vídeos
- Jornais
- Revistas
- Filmes
- Programas de televisão
- Documentários
- Apostilas
- Esquemas ilustrativos
- Jogos
- Músicas
- Livros acadêmicos
- Experimentos práticos
- Outros livros
- Textos curtos
- Outros: _____

7. Dentre os recursos didáticos que você escolheu na questão anterior, quais você considera mais importantes para realizar o seu planejamento? Enumere-os em ordem crescente de importância, sendo 1 o mais importante:

- Livro didático
- Internet - pesquisa geral
- Sites da internet específicos com planejamentos de aula
- Vídeos
- Jornais
- Revistas
- Filmes
- Programas de televisão
- Documentários
- Apostilas
- Esquemas ilustrativos
- Jogos
- Músicas
- Livros acadêmicos
- Experimentos práticos
- Outros livros
- Textos curtos

Outros que você escreveu

8. Quanto tempo da semana você utiliza para fazer o planejamento?

- De uma a duas horas
 De três a quatro horas
 Em alguma reunião semanal na escola
 Um dia
 Durante o fim de semana – Quantas horas, aproximadamente? _____
 Não há tempo suficiente para o meu planejamento
 Outro: _____

9. Você utiliza alguns destes documentos como referencial para o planejamento?

- Currículo da escola
 Livro didático
 Parâmetros Curriculares Nacionais
 Outros referenciais pedagógicos. Liste-os aqui: _____
 Nenhum

10. Quanto ao seu planejamento para turmas do mesmo ano:

a) Ele é igual?

- Não Sim

b) Você considera as diferenças entre as turmas e entre os alunos?

- Não Sim

c) O que você leva em consideração sobre as turmas para que isso mude o seu planejamento em cada uma delas (ex.: número de alunos, diferentes interesses deles, etc.)? _____

11. Atribua algum valor de 1 a 5 para cada item, sendo que:

- 5 – SEMPRE
4 – FREQUENTEMENTE
3 – EVENTUALMENTE
2 – RARAMENTE
1 – NUNCA

Você costuma planejar suas aulas...

a) Sozinho(a)

1 2 3 4 5

b) Juntamente a professores da área de Ciências Naturais

1 2 3 4 5

c) Juntamente a professores de áreas diferentes

1 2 3 4 5

d) Juntamente aos alunos em aula ou em outros momentos

1 2 3 4 5

12. Há alguma solicitação do setor pedagógico da escola quanto ao seu plano de ensino?

Não Sim

Se **SIM**, responda às seguintes perguntas:

a) Como é feita esta solicitação?

- Entrega do plano de ensino no início do ano letivo
- Entrega do plano de ensino a cada período no qual a escola trabalha (bimestre, trimestre, semestre)
- Entrega de algum registro que demonstre o cumprimento dos conteúdos programados
- O seu plano deve ser feito a partir de um modelo já estabelecido pela escola
- Há reuniões com o setor pedagógico que lhe auxiliam no planejamento
- Outro: _____

b) Você utiliza seus planos de ensino após serem entregues ao setor pedagógico?

Não Poucas vezes Na maioria das vezes Sempre

13. Você acredita na validade e na ação prática dos planos de ensino que são feitos por solicitação do setor pedagógico?

Não Sim

POR QUÊ? _____

14. Para você, a exigência da escola quanto ao planejamento dos professores é (marque de um a três itens):

- Um fazer burocrático que inutiliza o que foi planejado
- Uma oportunidade de trocar ideias de planejamento com os colegas
- Uma cobrança formal na qual o planejamento não é lido e nem discutido
- Uma forma de acompanhamento do professor, auxiliando-o nas suas atividades, nas conquistas e nas dificuldades
- Uma perda de tempo

15. Para você, o planejamento é:

A planificação das atividades de ensino que são desenvolvidas na escola, refletindo sobre os objetivos, os conteúdos, os procedimentos metodológicos e a avaliação do aluno que serão aplicados em todas as turmas igualmente.

Definir o calendário escolar, receber avisos sobre as turmas, programar as aulas, as datas de provas, organizar um diário de classe, a planilha de notas, as chamadas e o conteúdo a ser trabalhado.

Um instrumento educacional que faz sentido e que é necessidade do professor para que este coloque-se numa perspectiva de mudança da realidade, do que está dado na escola. É dar intencionalidade à prática educativa para que não se desperdicem atividades e oportunidades de aprendizagem, resgatando o saber docente.

Organizar adequadamente o currículo, racionalizando as experiências de aprendizagem, tendo em vista um ensino formal voltado ao conteúdo científico.

16. Você tem turmas em outra(s) escola(s)?

Não Sim – Quantas? _____

Se **SIM**, a sua maneira de planejar para essas turmas é a mesma conforme o que foi respondido neste questionário?

Sim Não – Por quê? _____

- Aplicação do questionário

Onze professores de Ciências e de Biologia responderam ao questionário, sendo sempre aplicado nas escolas e entregue no mesmo dia para assegurar respostas autênticas e evitar qualquer tipo de pesquisa.

À medida que o questionário era aplicado, percebeu-se a necessidade de complementar a pergunta 5 quanto ao número de horas utilizadas para o planejamento no item “Durante o fim de semana”, o que não prejudicou os questionários já respondidos porque foi possível resgatar a informação com a maioria dos professores (apenas de um professor não foi obtido o dado).

- Material de planejamento dos professores

Ao finalizar o questionário, solicitou-se aos professores se eles poderiam mostrar algo do seu planejamento a fim de que eu fizesse o registro para posterior análise. Diferentes materiais foram entregues: planos de aula, anotações de aula, esquemas de planejamento, planos de ensino, cronogramas e aulas que já haviam acontecido. Além disso, muitos professores explicaram seu material e comentaram de que maneira as aulas acontecem e quais atividades são feitas em aula. Alguns não entregaram qualquer material e apenas comentaram aspectos das aulas.

- Elaboração da entrevista

Inicialmente, não se tinha certeza se seria realizada a entrevista com a supervisão pedagógica, mas ao analisar alguns questionários, percebeu-se a necessidade de elucidar questões que não apareceram nas respostas dos professores e de explorar algumas especificidades.

A entrevista foi a opção de instrumento utilizada por propiciar uma relação de interação, constituindo, assim, uma atmosfera de reciprocidade entre o entrevistado e entrevistador, além de permitir a obtenção da informação desejada por parte do entrevistador, sendo possível o aprofundamento e o esclarecimento de pontos relevantes ao estudo (LÜDKE e ANDRÉ, 1986). Portanto, elaborou-se uma entrevista semiestruturada (Quadro 3), tendo em vista ser um método que “*supõe uma conversação continuada entre informante e pesquisador e que deve ser dirigida de acordo com seus objetivos*” (Queiroz, 1988 *apud* DUARTE, 2002, p. 147), possibilitando outros questionamentos durante a conversa.

A entrevista teve a finalidade de averiguar, por meio da fala dos supervisores e coordenador pedagógicos, se os professores entendem o planejamento na perspectiva da mudança da realidade, se eles vão além do usual nas aulas, em que proporção é usado o livro didático, se os Parâmetros Curriculares Nacionais são utilizados e qual o empenho do supervisor pedagógico para que os professores entendam o planejamento.

A maioria das perguntas foi construída com um pequeno texto introdutório sobre o assunto a ser abordado, o qual teve o objetivo de expor o conteúdo de cada pergunta e de iniciar a conversa com o entrevistado, sem a intenção de que este tivesse suas respostas induzidas pelo texto, o que não creio ter acontecido.

Quadro 3 – Entrevista realizada com os supervisores e coordenador pedagógicos das escolas.

ENTREVISTA SUPERVISÃO PEDAGÓGICA

1. Se o que vai acontecer em aula é apenas a transmissão de conteúdo e listagem de exercícios, não é necessário que o professor planeje. O verdadeiro planejamento é aquele no qual o professor se coloca na perspectiva de mudança da realidade, ou seja, o professor planeja com um desejo de intervenção na vida do aluno, tendo disposição para dar significado aos conteúdos; o professor está marcado pela busca da melhoria, pelo compromisso com a transformação, apoiando o aluno para que este entenda que ele é o sujeito da própria aprendizagem.

a) Você acha que o planejamento de aulas é entendido desta maneira – da mudança da realidade – pelos professores?

2. Há professores que vão além do trivial?

Isto é, que não apenas “passam matéria” aos alunos, mas que ousam fazer aulas diferentes, que visam uma aprendizagem intencional e significativa, que têm interesse em acompanhar seus alunos, querendo que sua prática dê certo, e se não der, vão querer saber o porquê, pois estão envolvidos.

a) De que forma isso aparece?

b) Em que proporção isso aparece?

c) Como você percebe o uso do livro didático na prática dos professores? Importante, de uso essencial? Ou não deve ser usado como único apoio didático, etc.?

3. Sabendo que o papel do professor é provocar situações em que os interesses possam emergir e o aluno possa atuar; propor ações que favoreçam a elaboração do conhecimento de forma crítica, criativa, significativa e duradoura; favorecer a articulação das várias aprendizagens do aluno em torno de um projeto de vida; e também ser um mediador do processo de socialização que se dá na escola,

a) Qual o seu esforço pessoal para que o professor entenda o planejamento e, mais ainda, PLANEJE para que o seu papel seja efetivo e significativo, na perspectiva da mudança da realidade?

b) Você lida com professores: acomodados, resistentes à mudança, desmotivados, que não querem inovar sua postura tradicional, muito preocupados com o conteúdo (em ‘passar o conteúdo’) e pouco com o aprendizado, resistentes em pensar juntos?

Como é falar sobre planejamento com esse perfil de professor?

4. Conhecendo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), documento elaborado pelo MEC, referencial para os Ensinos Fundamental e Médio, que auxilia o professor na elaboração de planejamentos e o orienta na busca de novas abordagens e metodologias, que caracterizam-se pela inovação e preocupação em formar um sujeito mais capacitado a utilizar o que aprende para sua vida,

a) Você acha que os professores utilizam os PCN?

b) Você já teve que apresentá-lo a algum professor?

5. É solicitado algum documento referente ao planejamento do professor?

a) De que tipo?

b) De que forma é construído?

c) Há o comprometimento da execução do que foi planejado nesses documentos?

- Realização das entrevistas

Os entrevistados foram os supervisores pedagógicos das escolas, profissionais que orientam e coordenam o trabalho docente, sendo mediadores e facilitadores das ações pedagógicas, verdadeiros parceiros no processo de ensino-aprendizagem. Em uma das escolas, este cargo é ocupado pelo coordenador pedagógico o qual tem outra denominação porque não possui titulação de supervisão escolar. Para esses sujeitos, também não houve especificação de gênero.

A entrevista não foi realizada em uma das quatro escolas, visto que não existe supervisão pedagógica nessa escola, mas sim um setor de atuação mais geral, o que poderia comprometer a especificidade das respostas do possível entrevistado.

Os encontros foram gravados mediante o consentimento dos entrevistados e ao transcorrer da conversa, sentiu-se a necessidade de elaborar outras perguntas além das que faziam parte do roteiro com o propósito de aprofundar o assunto.

Optou-se por os entrevistados considerarem o grupo docente da escola nas suas respostas, sem a necessidade de especificar sobre o trabalho dos professores de Ciências e de Biologia, já que isso não seria viável levando em conta o elevado número de professores nas escolas.

- Aulas observadas

Assisti a uma aula de Biologia para uma turma do Ensino Médio e a uma aula de Ciências para uma turma do Ensino Fundamental porque fui convidada espontaneamente por dois professores que se mostraram animados e perguntaram se eu gostaria de fazer uma observação. Além dessa aula de Ciências, assisti também a quinze minutos de uma outra aula, mas com outra turma, desse mesmo professor, o qual estava muito entusiasmado para que eu visse os trabalhos feitos pelos alunos.

Ao observar as aulas, foi possível verificar o produto do planejamento dos dois professores na prática, o que acontece mesmo em suas aulas e também as reações dos alunos. Anteriormente às observações, ambos os professores comentaram a temática das aulas e o que seria feito.

- Apresentação e procedimento de análise dos resultados

As respostas do questionário são reunidas em quadros específicos para cada pergunta, os quais foram agrupados de acordo com as informações que as respostas possibilitam a fim de proporcionar uma melhor organização e análise. Para cada quadro, a análise foi feita destacando as peculiaridades nas respostas.

Com o propósito de manter o sigilo ético dos professores, os materiais de planejamento entregues não são apresentados. Assim, é feita uma descrição dos materiais de cada professor e, para aqueles que não entregaram, do que comentaram no encontro. A análise dos materiais foi feita por mim a partir das minhas experiências no campo da docência, por já haver planejado aulas e por ter produzido alguns materiais. Há condições para que eu analise o material dos professores e perceba se existe um planejamento.

Nas observações das aulas, tentou-se perceber a realização de um planejamento anterior, de algo que foi pensado com intencionalidade pelo professor para ser colocado em prática com os alunos. Assim, as aulas observadas são relatadas e, após, comentadas.

O resultado das entrevistas seria apresentado de forma sintetizada, porém, para não perder qualquer informação, as entrevistas nas três escolas foram transcritas e editadas e estão presentes no Anexo 3. Ao mesmo tempo, as respostas das entrevistas foram organizadas em sete temáticas que compreendem os assuntos abordados nas perguntas e também alguns pontos que surgiram nas respostas. Para cada temática, referiram-se algumas falas dos entrevistados de modo a apresentar o seu ponto de vista.

4. Análise dos Resultados e Discussão

Ao iniciar esta discussão, revelo que foi bastante difícil analisar os resultados dos questionários devido à diversidade de interpretações e de colocações pessoais nas respostas dos professores. São poucos os padrões que podem ser estabelecidos nas respostas, e uma das razões para isso é a constante confusão que os professores fazem entre plano e planejamento: às vezes, características do plano são indicadas como sendo do planejamento, como a duração de tempo para desenvolver um assunto com as turmas ou a utilização apenas de propostas retiradas de livros didáticos, ignorando objetivos mais gerais, mais amplos que fazem parte do planejamento.

Em vista disso, conforme descrito no Delineamento Metodológico deste documento, a análise pretendeu destacar as peculiaridades presentes nos quadros os quais reúnem as respostas dos professores.

As perguntas do questionário foram agrupadas de acordo com as informações que as respostas possibilitam, assim sendo:

- Grupo 1: Respostas de caráter informativo (perguntas 1, 2, 3 e 16);
- Grupo 2: Respostas relativas às definições do que seja planejamento (perguntas 15, 5, 11 e 9);
- Grupo 3: Respostas relativas aos recursos didáticos utilizados no planejamento e ao tempo ocupado no planejar (perguntas 6, 7 e 8);

- Grupo 4: Respostas relativas ao planejamento para turmas e anos distintos (perguntas 10 e 4);
- Grupo 5: Respostas relativas à solicitação do plano de ensino do professor pelo setor pedagógico da escola (perguntas 12, 13 e 14).

Grupo 1. Respostas de caráter informativo.

Quadro 4 - Respostas referentes às perguntas *Você atua como professor no Ensino Fundamental, no Ensino Médio ou nos Ensinos Fundamental e Médio* (pergunta 1); *Quantas turmas você tem em cada ano de ensino?* (pergunta 2); *Quantos alunos você tem, em média, nas turmas?* (pergunta 3).

Prof ^o	Ens. Fund.	Ens. Médio	Fund. e Médio	Ens. Fundamental				Ens. Médio			Total de turmas	Média de alunos nas turmas			
				6 ^o	7 ^o	8 ^o	9 ^o	1 ^o	2 ^o	3 ^o		10 a 20	20 a 30	30 a 40	40 a 50
1			x			2	1	2	2		7			x	
2			x		4	2		4 (EJA)	2 (EJA)	2 (EJA)	14		x		
3			x				1		2	3	6		x		
4		x						1 + 1 Curso Normal	2	4	7		x		
5	x			3	2	3					8		x		
6		x						3	2	2	7			x	
7	x			Professor trabalha na organização curricular de Totalidades da EJA. Indicou 2 turmas de 7 ^o ano, 2 turmas de 8 ^o ano e 2 turmas de 9 ^o ano, equivalentes às Totalidades T4, T5 e T6.						6		x			
8			x	Professor trabalha na organização curricular de Totalidades da EJA. Não especificou quantas turmas de cada Totalidade.						12		x			
9			x	2			3	4 + 1 Curso Normal	1 + 1 Curso Normal	1	13		x		
10		x						1 (EJA)	2 (EJA)	1 (EJA)	4		x		
11			x			1				2	3			x	

Ao considerar o número de turmas que os professores têm, a situação mais complicada dentre os onze entrevistados é a do Professor 2, o qual não só tem uma ampla variedade de anos aos quais leciona, mas também possui o maior número de turmas. Em vista dessas características, supõe-se que esse professor tenha mais dificuldade nas questões de planejamento, já que essa atividade requer tempo para ser realizada. Na pergunta referente a quanto tempo utiliza-se para fazer o planejamento, presente no Quadro 12, o Professor 2 respondeu que utiliza de uma a duas horas por semana, o que está muito abaixo de ser um tempo razoável dedicado ao planejamento para quem tem tantas turmas, mas que até pode ser justificado pela mesma razão: ter muitas turmas significa passar muito tempo em aula, o que reduz o tempo livre para o planejamento. Em relação a isso, ressalto a possibilidade e, mais ainda, a oportunidade que esse professor tem de planejar em aula mesmo, reservando momentos para planejar junto aos alunos, tópico discutido mais adiante nesta análise.

Em relação ao material de planejamento entregue pelo Professor 2, descrito no Quadro 18, novamente verifica-se a dificuldade comentada anteriormente, já que o material apresentado não compreende o planejamento em si.

O caso do Professor 2 é semelhante ao dos Professores 8 e 9, os quais também possuem muitas turmas referentes a vários anos. Ambos os professores também não dedicam tempo razoável ao planejamento, sendo que o Professor 8 utiliza de uma a duas horas semanais, e o Professor 9, cinco horas semanais, conforme respondido no questionário.

Quanto aos outros professores, seria esperado que tivessem mais facilidade para planejar, pois não possuem tantas turmas e, conseqüentemente, dispõem de mais tempo para o planejamento.

Quadro 5 - Respostas referentes à pergunta *Você tem turmas em outra(s) escola(s)? Quantas? A sua maneira de planejar para essas turmas é a mesma conforme o que foi respondido neste questionário? Se não, por quê?* (pergunta 16).

Profº	Turmas em outra escola	Mesma maneira de planejar para as turmas da outra escola
1	Não	
2	Não	
3	Sim (6 turmas)	Não. As exigências da escola privada são outras no que diz respeito aos documentos (estrutura, frequência, etc.). A elaboração dos planos de aula se dá da mesma forma.
4	Não	
5	Não	
6	Sim (7 turmas)	Sim.
7	Sim (3 turmas)	Não. São alunos diferentes.
8	Não	
9	Não	
10	Não	
11	Não	

Dos Professores 3, 6 e 7, dois indicam que não planejam da mesma maneira para as suas turmas de outras escolas. A resposta mais coerente parece ser a do Professor 7, que justifica planejar de maneira diferente porque os alunos são diferentes, o que é verdadeiro tanto para turmas de diferentes escolas, como para turmas de uma mesma escola. O planejamento deve ser diferenciado para as turmas porque os alunos são diferentes, possuem necessidades e anseios diversos, relacionam-se entre si e com os professores na heterogeneidade das suas vivências.

O motivo pelo qual o professor planeja de modo diferente não pode ser o fato de ele trabalhar em instituições públicas e privadas, por exemplo, e, por isso, presumir que uma exige mais do seu planejamento do que a outra. É necessária a percepção de que o planejamento não deve ser realizado porque é exigido por solicitação exterior, mas sim porque ele representa o trabalho do professor, é a sua necessidade.

Grupo 2. Respostas relativas às definições e ações do que seja planejamento.

Quadro 6 - Respostas referentes à pergunta *Para você, o planejamento é* (pergunta 15).

Profº	Planificação das atividades, refletindo sobre objetivos, conteúdos, metodologia e avaliação para aplicação nas turmas igualmente.	Definir o calendário escolar, receber avisos de turmas programar datas de provas, organizar o diário de classe, a planilha de notas, as chamadas e o conteúdo.	Um instrumento educacional significativo de necessidade do professor para a mudança da realidade. É dar intencionalidade à prática educativa para não desperdiçar oportunidades de aprendizagem.	Organizar o currículo tendo em vista o ensino formal voltado ao conteúdo científico.
1	x			
2	x		x	x
3			x	
4			x	
5			x	
6			x	
7			x	
8			x	
9			x	
10			x	
11			x	

O conceito exposto na terceira coluna de itens deste quadro representa a definição de planejamento apresentada por Vasconcellos (2010), a qual é a visão compreendida neste estudo. A maioria dos professores demonstra ter o domínio do planejamento nesse viés apontado por Vasconcellos, o da mudança da realidade, mas a contradição aparece na maioria das respostas dos questionários, na maior parte dos materiais entregues e, de certa forma, nas aulas observadas.

Para exemplificar essa situação, refiro-me aos Professores 2 e 5.

O Professor 2 considera o planejamento como um instrumento significativo para a mudança da realidade, porém:

- planeja de uma a duas horas semanais para as 14 turmas que possui;
- responde que trabalha tópicos do cotidiano em aula, contudo, isso não aparece no material entregue (Quadro 18);
- considera o livro didático como recurso mais importante na realização do planejamento.

O Professor 5 também considera o planejamento na perspectiva da mudança da realidade, entretanto:

- nas aulas observadas (Quadro 20), sua preocupação com o conteúdo específico fica evidente no momento que se percebem as falas dos alunos estagnadas em respostas curtas ao professor;
- respondeu que seu planejamento não é o mesmo para turmas diferentes e que leva em consideração as diferenças entre os alunos e as turmas, sendo que no material entregue (Quadro 18), o plano de aula elaborado é exatamente igual para três turmas do mesmo ano.

Logo, parece haver uma incoerência entre a interpretação teórica do que seja o planejamento e a execução prática do mesmo.

Quadro 7 – Respostas referentes à pergunta *O que você considera no momento de fazer o seu planejamento? Marque os sete itens que estão mais relacionados a sua prática de planejamento (pergunta 5).*

Profº	Agendar provas e trabalhos	Definir os objetivos da aula	Elaborar registros de observações que avaliem os alunos a cada aula	Definir o conteúdo a partir do livro didático e utilizar suas propostas	Conhecer as experiências de vida dos alunos	Organizar o conteúdo para aula expositiva	Sondar os alunos para identificar o que conhecem, ao que aspiram	Elaborar atividades lúdicas	Organizar aulas práticas	Organizar as notas dos alunos em provas e trabalhos	Reconsiderar a temática da aula a favor do interesse dos alunos	Utilizar o planejamento de anos anteriores	Replanejar para fazer de outra maneira	Trabalhar tópicos do cotidiano em aula
1	x	x				x		x		x			x	x
2		x	x			x	x				x		x	x
3		x			x	x	x	x	x		x	x	x	x
4		x	x		x		x				x		x	x
5	x				x		x		x		x		x	x
6		x			x		x		x		x		x	x
7		x			x	x	x				x		x	x
8		x	x	x	x				x				x	x
9			x		x		x			x	x		x	x
10		x			x		x		x		x		x	x
11	x	x	x				x				x		x	x

A pergunta do questionário referida neste quadro teve o objetivo de apresentar algumas ações de planejamento voltadas tanto ao tipo de ensino expositivo e mais tradicional, como “Definir o conteúdo a partir do livro didático e utilizar suas propostas”, “Organizar o conteúdo para aula expositiva” e “Organizar as notas dos alunos em provas e trabalhos”, quanto ao ensino significativo que visa à prática ativa e transformadora, como “Conhecer as experiências de vida dos alunos”, “Elaborar registros de observações que avaliem os alunos a cada aula” e “Reconsiderar a temática da aula”. Assim, poderiam ser evidenciados os professores que realmente planejam para propiciar a mudança.

Algumas dessas ações, entretanto, dependendo do modo como são pensadas, podem estar mais próximas do plano do que do planejamento, como “Organizar o conteúdo para aula expositiva”, quando isso significa apenas preparar o que será falado em aula, sem considerar questões mais amplas: “por que falarei sobre isso em aula?”, “o que ensinar?”, “para quem?”.

Novamente, a incoerência demonstrada no Quadro 6 se repete. Teoricamente, os professores se posicionam de maneira favorável às ações de planejamento, mas isso não se reflete na maioria dos materiais apresentados. Não discordo de que os professores entendam que as ações referentes ao ensino transformador devem ser consideradas no planejamento, contudo, por aquilo que consigo apreender do material recebido (Quadro 18), eles não colocam em prática muitas dessas ações.

O Professor 2, mais uma vez, mostra-se incoerente. Ele indica, por exemplo, que sim define os objetivos da aula - os quais, com vistas à transformação da realidade, deveriam estar centrados na relação ensino-aprendizagem -, porém o que aparece no seu material entregue (Quadro 18) são objetivos muito pontuais da temática a ser trabalhada, como “*Escrever todas as funções das estruturas celulares*” e “*Exemplificar os seres vivos de acordo com o Reino*”.

Essa incoerência não aparece no Professor 10, pois pode-se presumir um planejamento muito mais consistente a partir do seu material entregue (Quadro 18).

Além do objetivo geral da pergunta comentado anteriormente, um objetivo específico foi investigar se os professores utilizam atividades lúdicas no seu planejamento. Isso aparece apenas para os Professores 1 e 3, o que também não demonstra ser tão verdadeiro já que em nenhum momento aparecem atividades lúdicas no material entregue por eles (Quadro 18).

Decepciona-me o fato de que poucos professores consideram a ludicidade nas suas aulas, visto que a sala de aula é sim lugar de brincar, como argumenta e defende Fortuna (2011, p. 128):

A sala de aula é um lugar de brincar se o professor consegue conciliar os objetivos pedagógicos com os desejos do aluno. Para isto é necessário encontrar o equilíbrio sempre móvel entre o cumprimento de suas funções pedagógicas - ensinar conteúdos e habilidades, ensinar a aprender - e psicológicas - contribuir para o desenvolvimento da subjetividade, para a construção do ser humano autônomo e criativo - na moldura do desempenho das funções sociais - preparar para o exercício da cidadania e da vida coletiva, incentivar a busca da justiça social e da igualdade com respeito à diferença.

Para uma aula ludicamente inspirada, não é necessário que o professor sempre ensine seus conteúdos com jogos e propostas mirabolantes, mas sim que estejam presentes as características do brincar – espontaneidade, improdutividade, interatividade, mistério, surpresa, desafio, trânsito entre a realidade externa e interna –, as quais influem no modo de ensinar do professor, na seleção de conteúdos, no papel do aluno. Dessa forma, “a aula lúdica é aquela que desafia o aluno e o professor e situa-os como sujeitos do processo pedagógico” (FORTUNA 2011, p. 129). O brincar e o aprender ensinam ao professor como e o que o aluno conhece, e é disso que o professor se serve para planejar sua aula.

Quadro 8 – Respostas referentes à pergunta *Como você costuma planejar suas aulas? Atribua algum valor de 1 a 5 para cada item, sendo que: 5 – Sempre; 4 – Frequentemente; 3 – Eventualmente; 2 – Raramente; 1 – Nunca* (pergunta 11).

Profº	Sozinho	Junto a professores da área de Ciências Naturais	Junto a professores de áreas diferentes	Junto aos alunos em aula ou em outros momentos
1	5	3	2	3
2	5	2	1	3
3	4	2	2	3
4	4	3	3	4
5	5	3	3	3
6	5	2	2	2
7	5	2	2	1
8	5	2	3	3
9	4	3	2	3
10	4	4	3	3
11	5	3	3	3

Dentre os onze entrevistados, nove indicam planejar as aulas junto aos alunos de modo frequente ou eventual. Todavia, em nenhum momento isso aparece, seja no

questionário, no material entregue ou nas aulas observadas. Parece-me que os professores se excederam nessa resposta e que têm um entendimento distorcido do que seja planejar com os alunos.

Os Professores 8 e 1, por exemplo, indicam planejar junto aos alunos eventualmente, mas quando perguntados se sondam os alunos para identificar o que estes conhecem ou se reconsideram a temática da aula a favor do interesse dos alunos (itens presentes no Quadro 7), ações que podem ser consideradas relevantes para, ao menos, pretender a participação dos estudantes, esses professores não marcaram isso como resposta.

O Professor 4, por sua vez, indica planejar junto aos alunos frequentemente. Conforme comentado no momento da apresentação do seu material, esse professor costuma permitir que os alunos escolham, dentre uma lista de assuntos, qual gostariam de pesquisar, além de estarem liberados a criar outros assuntos. Embora seja bem interessante permitir que os alunos escolham uma temática de pesquisa presente em uma listagem previamente estabelecida, isso não é lhes favorecer a participação no planejamento.

Os professores parecem entender o planejamento realizado junto aos alunos como a permissão para que estes intervenham no plano, ou seja, que eles possam interferir em algo já planejado, já pensado, no produto elaborado pelo professor.

No entanto, o verdadeiro planejamento participativo é aquele que privilegia o *processo*, possibilitando o crescimento dialético da autonomia e da solidariedade (VASCONCELLOS, 2010). A motivação para esse planejamento existe pelo fato de o professor poder atender às necessidades dos sujeitos. Assim, “*a participação deve ser dada em todas as instâncias: sensibilização, discussão, decisão, colocação em prática, avaliação e frutos do trabalho*” (VASCONCELLOS, 2010, p. 94). O professor que planeja de forma participativa e problematizadora e que ousa dar oportunidade para o aluno reelaborar o saber sistematizado, concretiza um ensino crítico e transformador, com vistas à produção de novos conhecimentos (LOPES, 1995).

É possível sim reservar e dedicar aulas para que os alunos participem do planejamento.

A análise das respostas permite concluir que o planejamento é uma tarefa solitária e que acontece raras vezes junto a outros professores.

Quadro 9 – Respostas referentes à pergunta *Você utiliza alguns destes documentos como referencial para o planejamento?* (pergunta 9).

Profº	Currículo da escola	Livro didático	Parâmetros Curriculares Nacionais	Outros referenciais pedagógicos	Nenhum
1	x	x			
2	x	x			
3	x		x		
4	x	x		Assuntos da atualidade - Programa de estudos ENEM	
5			x	Plano de estudo	
6		x			
7		x			
8	x	x			
9	x	x	x	Parâmetros de outras escolas	
10	x	x			
11	x	x	x	Minha experiência	

O livro didático aparece amplamente como o referencial pedagógico mais utilizado. Essa forte representação deve-se ao fato de o livro didático ser uma das maneiras mais tradicionais de planejamento de aulas de Ciências (KINDEL, 2012) o que, segundo os autores dos PCN, acarreta em aulas que não têm interação direta com os fenômenos naturais ou tecnológicos, deixando uma enorme lacuna na formação dos estudantes (BRASIL, 1998 *apud* KINDEL, 2012). Em algumas escolas, planejar chega a ser entendido como escolher o livro didático a ser utilizado (VASCONCELLOS, 2010). A questão do uso do livro didático será abordada novamente na discussão dos Quadros 10 e 11.

Outro referencial pedagógico muito utilizado pelos professores é o currículo da escola. Ao se referirem ao currículo escolar, é possível que os professores o entendam como a listagem de conteúdos proposta pela escola, interpretação usual e equivocada do mesmo. O currículo deve ser entendido como “*a elaboração e a realização (incluindo aí a avaliação) de um programa de experiências pedagógicas a serem vivenciadas em sala de aula e na escola*” (VASCONCELLOS, 2010, p. 99). O currículo é a complexa trama de experiências que o aluno obtém e, por isso, não deve contemplar apenas a atividade de

ensino dos professores, mas ainda todas as condições do ambiente de aprendizagem (Sacristán, 1995a *apud* VASCONCELLOS, 2010).

Se o currículo escolar fosse assim entendido pelos professores, seria esperado que os Professores 5, 6 e 7 também o indicassem como referencial pedagógico.

O documento mais completo e interessante como referencial para o planejamento referido na pergunta são os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), indicado por apenas quatro professores dos onze, o que considero uma lástima uma vez que o seu uso qualificaria significativamente o trabalho do professor. Os PCN propõem eixos temáticos e temas transversais desenvolvidos dentro de contextos social e culturalmente relevantes (BRASIL, 1998), caracterizando-se pela inovação e preocupação em formar sujeitos mais capacitados a utilizar o que aprendem para a sua vida (KINDEL, 2012). O Professor 5, por exemplo, indica utilizar os PCN como referencial, no entanto seu material de planejamento (Quadro 18) não reflete as propostas do documento. Novamente, há uma contradição nas respostas do questionário e no que acontece na prática.

Um motivo que pode explicar por que os PCN não apareceram nas respostas de mais professores é o que aponta Kindel (2012) ao considerar que o documento talvez careça de um tom mais propositivo, embora ele não devesse ter essa função, e acabe por exigir dos professores a criação de novos planejamentos, tarefa que possivelmente muitos deles não queiram mais executar.

Outro ponto a ser analisado nessas respostas é o dos professores que apontaram utilizar outros referenciais. Aqueles que foram indicados pelos Professores 4, 5 e 11 não são documentos de referência pedagógica, uma vez que esses caracterizam-se por ser um estudo amplo, profundo e consistente teoricamente acerca de uma temática, fundamentando e direcionando a prática docente. O programa de estudos do ENEM, indicado pelo Professor 4, não é um referencial, mas sim um programa de uma prova; tampouco o plano de estudo referido pelo Professor 5 ou a própria experiência, apontada pelo Professor 11, podem ser considerados um referencial. No caso do Professor 9, ao indicar que utiliza parâmetros de outras escolas, ele pode ter se referido ao currículo em si ou ao projeto político-pedagógico.

Em vista disso, parece que os Professores 4, 5 e 11 não têm clareza do que seja um referencial pedagógico.

Grupo 3. Respostas relativas aos recursos didáticos utilizados no planejamento e ao tempo ocupado no planejar.

As respostas relativas aos recursos didáticos foram analisadas na associação dos Quadros 10 e 11. No Quadro 11, os professores indicaram uma ampla diversidade de níveis de importância para cada material didático, o que dificultou a análise das respostas. Por isso, detive-me a discutir apenas os itens os quais acredito que se destacam nas respostas.

Quadro 10 – Respostas referentes à pergunta *Dentre os materiais didáticos listados abaixo, quais você utiliza frequentemente para planejar suas aulas?* (pergunta 6).

Profº	Livro didático	Internet (pesquisa geral)	Sites da internet com planejamentos de aula	Vídeos	Jornais	Revistas	Filmes	Programas de televisão	Documentários	Apostilas	Esquemas ilustrativos	Jogos	Músicas	Livros acadêmicos	Experimentos práticos	Outros livros	Textos curtos	Outros
1	x	x				x		x				x					x	
2	x	x							x		x				x	x		Xerox, resumos, pôster com figuras ilustrativas
3	x	x		x			x				x	x	x	x	x		x	
4	x	x		x			x		x		x				x	x		
5	x	x		x	x	x					x				x			Sites sobre assuntos trabalhados em aula para tirar dúvidas
6	x	x					x				x			x	x	x		
7	x	x	x	x		x			x									
8	x		x	x	x		x		x		x			x				
9		x	x	x			x		x	x	x		x	x	x			
10	x	x		x					x		x				x		x	
11		x		x		x	x		x		x		x					

Quadro 11 – Respostas referentes à pergunta *Dentre os materiais didáticos escolhidos na pergunta anterior, quais você considera mais importantes para realizar o seu planejamento? Enumere-os em ordem crescente de importância, sendo 1 o mais importante (pergunta 7).*

Profº	Livro didático	Internet (pesquisa geral)	Sites da internet com planejamentos de aula	Vídeos	Jornais	Revistas	Filmes	Programas de televisão	Documentários	Apostilas	Esquemas ilustrativos	Jogos	Músicas	Livros acadêmicos	Experimentos práticos	Outros livros	Textos curtos	Outros
1	2	1				5		6				4					3	
2	1								4		2				5			3
3	2	1	10	9	11	12	13	17	14	16	5	6	8	3	4	15	7	
4	8	1		5			6		2		3				4	7		
5	8	3		2	5	6					1				4			7
6	1	2					7				3			4	5	6		
7	3	1	2	4		6			5									
8	4		2		7		3		6		1				5			
9		1	2	4			8		7	3			9	5	6			
10	2	5		3					7		4				1		6	
11		1		2		3	6		4		5		7					

O uso de materiais didáticos para o planejamento é bastante variado.

O livro didático mostra-se ser muito utilizado (Quadro 10), sendo que seis dos nove professores que indicaram o livro, o consideraram em primeira, segunda ou terceira colocação de importância (Quadro 11). Os Professores 9 e 11 são os únicos a não utilizarem o livro para o planejamento, embora, no Quadro 9, indiquem utilizá-lo como referencial pedagógico. Ora, se eles o utilizam como referencial pedagógico, também o utilizam no planejamento, afinal, esta era a intenção da pergunta 9 (Quadro 9): saber em que documento os professores baseiam o seu planejamento. O contrário acontece com os Professores 3 e 5, que não indicam o livro didático como referencial, mas o indicam como material utilizado no planejamento, ainda que o Professor 5 considere-o como menos importante.

Ao se limitarem a acompanhar o livro-texto, os professores transformam-se em “organizadores organizados”, desprovidos de autonomia, sem poder de decisão e sem controle (SANTOMÉ, 1998). Frequentemente, o livro didático é assumido como o curso e não como um recurso que o professor utiliza como complemento do seu trabalho. É preciso, então, fazer o percurso de significação do conteúdo a ser trabalhado, e não simplesmente reproduzir o que está no livro didático (VASCONCELLOS, 2010).

O uso de outros livros aparece apenas para três professores, além de serem materiais referidos nas últimas colocações de importância. O significado de “outros livros” considera aqueles que não têm finalidade didática e também os paradidáticos que, sem serem propriamente didáticos, são utilizados para este fim. Os livros paradidáticos são considerados importantes porque podem utilizar aspectos mais lúdicos que os convencionais e, assim, serem eficientes do ponto de vista pedagógico.

Em relação a revistas, somente quatro professores indicaram seu uso. O Professor 8 não marcou esse item como resposta, apesar de, no momento de mostrar algo do seu material de planejamento, ter informado que utiliza uma revista de curiosidades culturais e científicas em muitas de suas aulas. Inclusive, esse professor explicou fazer uso dessa revista especificamente porque outras são de difícil compreensão dos alunos por apresentarem um vocabulário mais complexo.

As revistas de divulgação científica, por exemplo, podem ser bastante exploradas em aula por apresentarem informações interessantes e de comunicação acessível acerca de uma temática que se deseja trabalhar. A Revista Ciência Hoje das Crianças, do Instituto

Ciência Hoje, de linguagem menos formal e apropriada ao público infanto-juvenil, é um adequado exemplo disso e vale-se de uma boa escolha para o professor, além de servir de inspiração para que este elabore seus próprios textos em um formato instigante e contextualizado (eu já fiz isso e gostei). As escolas públicas a recebem gratuitamente por meio do PNBE (Programa Nacional Biblioteca Escolar) e, além disso, muitas de suas matérias científicas podem ser acessadas diretamente na internet.

Percebe-se que vários professores utilizam vídeos, filmes, documentários, esquemas ilustrativos e experimentos práticos, os quais são materiais que, segundo minha perspectiva, deveriam estar sempre presentes no planejamento dos professores e, conseqüentemente, nas aulas. Esses materiais não só existem em um universo de variedades e de possibilidades, mas também se constituem como grandes aliados para aproximar os alunos da temática da aula, para incentivar eles mesmos a pesquisarem nesses materiais, para tornar as aulas mais dinâmicas e visuais, além de muitas outras vantagens que possibilitam.

Na conversa que tive com alguns professores durante a entrega do seu material de planejamento, o Professor 9 informou que utiliza vídeos em praticamente todas as aulas de Ciências (ele tem seu próprio equipamento de som e de imagem, assim como os Professores 1 e 3); o Professor 8 disse utilizar bastante esquemas ilustrativos para que os alunos construam um esquema visual. Referente ao Quadro 11, o Professor 10 indicou experimentos práticos como o material didático mais importante no seu planejamento, o que pode ser evidenciado no seu material entregue (Quadro 18): nas duas aulas propostas, há uma atividade prática.

Por fim, chama a atenção a internet, recurso mais utilizado pelos professores e considerado o mais importante na realização dos planejamentos. Esse dado não gera surpresa, uma vez que a internet se tornou a principal e mais rápida fonte de pesquisa já há alguns anos. A internet, então, passa a ser a grande aliada do professor na busca por ideias, inovações, conteúdo, explicações, conhecimento, notícias, contanto que ele saiba fazer o seu bom uso e pesquise de maneira a selecionar o mais apropriado em relação ao que deseja construir com os alunos.

Quadro 12 – Respostas referentes à pergunta *Quanto tempo da semana você utiliza para fazer o planejamento?* (pergunta 8).

Profº	De 1 a 2 horas	De 3 a 4 horas	Reunião semanal na escola	1 dia	Fim de semana (Quantas horas)	Não há tempo suficiente	Outro
1					6 horas		
2	x						
3		x	x		4 a 5 horas		
4					5 a 10 horas		Durante as janelas entre os períodos; à noite em casa; nos dias em que não dá aula.
5					Um dia para planejar as aulas da semana.		Às vezes, o planejamento é alterado conforme a necessidade e andamento dos conteúdos.
6					4 horas. No domingo, apenas para correção.		
7		x			Planeja no fim de semana, mas não obtive o número de horas.		
8	x						
9					5 horas. Começa no sábado e termina no domingo.		
10							Dois dias por semana.
11					8 horas		

Na análise destas respostas, uso como critério o professor utilizar, no mínimo, uma hora por semana para o planejamento para cada turma, independentemente de serem turmas do mesmo ano. Seria esperado, então, que os professores dedicassem, no mínimo, uma hora de planejamento para cada turma.

Para isso, retomo as respostas presentes no Quadro 4 acerca do número total de turmas que cada professor possui e considero, segundo o critério utilizado, um parecer quanto ao tempo dedicado ao planejamento de cada professor (Tabela 1).

Tabela 1 - Avaliação do tempo dedicado para o planejamento em relação ao que seria esperado, variando de insuficiente a ótimo.

Professor	Número de turmas	Tempo dedicado ao planejamento
1	7	Razoável, mas ainda abaixo do esperado.
2	14	Insuficiente.
3	6	Ótimo.
4	7	Bom.
5	8	Razoável, mas ainda abaixo do esperado – considero o tempo indicado no fim de semana ser de 5 a 6 horas.
6	7	Insuficiente.
7	6	Bom – considero o tempo indicado durante o fim de semana ser de 5 a 6 horas.
8	12	Insuficiente.
9	13	Insuficiente.
10	4	Ótimo.
11	3	Ótimo.

Surpreende-me que os Professores 2 e 8, os quais possuem 14 e 12 turmas, respectivamente, utilizem apenas uma ou duas horas por semana para o planejamento, contrariando suas respostas sobre o significado de planejamento ao indicarem que esse é um instrumento necessário para a mudança da realidade (Quadro 6). Essa situação é lamentável, uma vez que não parece haver engajamento no planejamento por parte desses professores. É certo que há uma condição objetiva de trabalho a ser considerada, a de que os Professores 2 e 8 possuem muitas turmas e que isso dificulta o planejamento por não haver, de fato, um tempo de qualidade para a realização dessa atividade. Mas nessa limitação de tempo, também pode existir o sujeito consciente, que deseja e que quer e, assim, tenta potencializar a sua condição para o planejamento da forma como conseguir, com a intenção voltada para a transformação da realidade.

Por outro lado, os Professores 3, 10 e 11 realmente dedicam tempo ao planejamento, o que considero excelente. Isso pode até ser favorecido pelo fato de esses professores não terem tantas turmas e, portanto, disporem de mais tempo livre. Todavia, o pequeno número de turmas não deve ser o pretexto para conseguir planejar, pois essa ação é essencial para um ensino significativo, intencional e de mudança. A condição de ter muitas turmas é desfavorável ao bom planejamento e não pode ser ignorada, entretanto, não pode justificar o não-fazer, pois ela não impede que o planejamento aconteça de algum modo, ao menos no sentido de pensar mais reflexivamente sobre as aulas. Além disso, o professor pode se colocar numa postura de encarar a situação adversa como um desafio, na recuperação do sentido do planejamento e na busca por alternativas para praticá-lo, sempre na luta para melhorar suas condições de trabalho.

Sabe-se sobre a situação controversa do contexto educacional brasileiro, no qual muitas vezes não há condições de trabalho adequadas e há má remuneração para os professores, principalmente no que se refere à rede pública estadual e, por isso, não basta a boa vontade do professor se lhe faltam condições estruturais para exercê-la. A questão do baixo salário torna-se um desestímulo e pode acarretar naquele professor que não se importa mais com o planejamento e que passa a dar aula de acordo com o que ganha. Para os professores que são de escolas as quais possuem uma melhor remuneração para os seus profissionais, como é o caso de alguns professores entrevistados da rede pública municipal e federal e da rede privada, a questão relacionada ao alto número de turmas talvez seja um fator mais limitador do planejamento do que o salário.

Destaca-se o fato de os professores planejarem apenas no fim de semana (sete dos onze professores), abdicando de momentos de lazer. O planejamento requer tempo e talvez os professores não consigam utilizá-lo para esse fim nos dias úteis da semana quando, além de estarem muitas horas em sala de aula, também precisam desempenhar outras atividades extraclasse, como organização e avaliação das atividades pedagógicas, além de estudos pessoais e momentos de atualização. A utilização do tempo também faz parte de um bom planejamento, e é necessária organização. Nem sempre o tempo que se tem é bem utilizado, por isso, se o professor sabe o que quer com sua prática, se sabe o que vai fazer, ele consegue racionalizar melhor o tempo e aproveitá-lo.

Da mesma forma, a escola que se organiza e que prevê momentos propícios ao planejamento, como reuniões coletivas com professores e supervisores/orientadores pedagógicos, e horários livres para o planejamento individual ou em grupo, como já

acontece nas escolas estaduais na implementação da Hora Atividade, possibilita condições práticas para a ação e garante ao professor tempo dentro da sua jornada de trabalho para o planejamento.

Grupo 4. Respostas relativas ao planejamento para turmas e anos diferentes.

Quadro 13 - Respostas referentes à pergunta *O seu planejamento para turmas diferentes é igual? Você considera as diferenças entre as turmas e entre os alunos? O que você leva em consideração sobre as turmas para que isso mude o seu planejamento em cada uma delas?* (pergunta 10).

Profº	O planejamento é igual	Considera diferenças entre turmas e entre alunos	Considerações sobre as turmas para a mudança no planejamento
1	Sim	Sim	Apesar de o planejamento inicial ser o mesmo, cada turma "leva" a aula em um ritmo diferente e muitas vezes tenho que adaptar as aulas para atender às expectativas, dificuldades e facilidades da turma.
2	Sim	Sim	Interesse dos alunos.
3	Não	Sim	Capacidade de concentração, dificuldades de acompanhamento do conteúdo pelos alunos, idade, interesse (vestibular, ENEM).
4	Não	Sim	Número de alunos, diferentes interesses, turno, alunos (turmas) que trabalham ou fazem estágios.
5	Não	Sim	Nível de compreensão e abstração; interesse, maturidade...
6	Sim	Não	Aos alunos que apresentam dificuldades cognitivas, procuro adaptar as avaliações.
7	Não	Sim	As características dos alunos. Se, por exemplo, numa mesma totalidade (ano) temos uma turma "adolescente" e outra com prevalência de idosos, especiais e cegos, os planejamentos são, naturalmente, distintos.
8	Não	Sim	Interesse, idade, intelectual.
9	Depende	Sim	O planejamento é praticamente o mesmo, mas a aula em si ministrada tem um andar completamente diferente.
10	Sim	Sim	O planejamento é o mesmo, mas o andamento da aula acaba sendo diferente dependendo da interação dos alunos, o que muda em cada turma.
11	Não	Sim	Principalmente, a receptividade e participação de cada uma das turmas em relação ao que já foi planejado.

O desejado seria que todos os professores respondessem que o seu planejamento não é igual para turmas diferentes. Ao considerar um planejamento diferente, não me refiro ao professor ter que mudar toda a estrutura de pensamento acerca de uma temática ou ter que inventar diferentes atividades para cada turma a cada aula. Planejar para diferentes turmas é considerar as suas peculiaridades, é perceber a turma e pensar de que maneira as propostas se encaixam melhor, é permitir que os alunos expressem seus interesses e ideias e construir a aula baseado nisso, é realizar alterações ou acréscimos ao planejamento. Dessa forma, um planejamento feito para uma situação possivelmente não serve para outra. Portanto, os professores que responderam ter um planejamento igual para diferentes turmas desconsideram as características citadas acima. O Professor 6, por exemplo, planeja igual e é o único a deixar claro que não considera as diferenças entre as turmas e entre os alunos e, ainda por cima, sua explicação para uma possível mudança no planejamento é a de que faz avaliações diferentes para adaptá-las às dificuldades cognitivas dos alunos.

O Professor 2 respondeu que seu planejamento é o mesmo, mas que, ao mesmo tempo, considera as diferenças entre as turmas (assim como os Professores 1 e 10), justificado pelo interesse dos alunos. A resposta desse professor é paradoxal, pois se ele levasse em conta os interesses dos alunos, os quais são distintos, certamente não teria o mesmo planejamento para todas as turmas.

Outra resposta paradoxal é a do Professor 5, já comentada na discussão da pergunta 15 (Quadro 6), o qual tem planos de aula idênticos para as turmas de um mesmo ano e, nesta pergunta, responde que seu planejamento não é igual para as turmas.

O Professor 1 parece referir-se ao plano e não ao planejamento, pois explica que “cada turma leva um ritmo diferente” e isso está relacionado à duração de tempo que o plano leva para acontecer com cada turma. O mesmo acontece com o Professor 9.

As respostas mais coerentes e satisfatórias são as dos Professores 7 e 11. O Professor 7 planeja diferente para turmas distintas porque considera a grande heterogeneidade de idade e de perfis dos alunos. O Professor 11 o faz porque considera o quanto os alunos participam e se interessam pela aula.

Quadro 14 - Respostas referentes à pergunta *Para qual ano você considera mais difícil planejar? Por quê?* (pergunta 4).

Profº	
1	O planejamento do 8º ano é o mais difícil, pois o conteúdo trabalhado é extenso e por vezes complexo considerando a idade e maturidade dos alunos.
2	Não considero nenhum ano difícil.
3	Para o 9º ano do Ensino Fundamental. Trata-se de uma turma com muita dificuldade (alunos repetentes, fora da relação idade-série correta). Além disso, dou aulas da disciplina de Física, mas minha formação é em Ciências Biológicas.
4	Não costumo encontrar dificuldades para planejar, mas acredito que devido à imaturidade dos alunos, o 1º ano do Ensino Médio necessita de uma atenção especial quanto ao planejamento das aulas e das avaliações.
5	Para o 6º ano. Além da questão da maturidade (compreensão da terminologia usada, interpretação, síntese para respostas..., que precisam de retomadas), há os conteúdos que devem ser trabalhados interdisciplinarmente com Geografia.
6	Para o 1º ano do Ensino Médio, pois o conteúdo é muito complexo e os alunos (alguns) não apresentam maturidade emocional para compreender na sua totalidade.
7	Não considero que haja dificuldades em relação à totalidade (ano), por exemplo. Às vezes, o modo como o grupo de alunos adere, ou não, ao trabalho proposto, pode tornar o planejamento mais difícil porque é necessário substituir por uma nova estratégia uma abordagem que “não funcionou”.
8	Na EJA, para as turmas da Totalidade 4. São alunos que ainda não têm o costume de ter aulas com vários professores, disciplinas diferentes e ainda apresentam muita dificuldade de aprendizagem. No Fundamental, para as 6ª séries pelo mesmo motivo da EJA.
9	Para o Curso Normal, pois o planejamento precisa estar focado na formação de professores.
10	Eu não considero nenhum ano mais difícil do que o outro. Eu trabalho com EJA, com a maioria dos alunos acima de 40 – 50 anos. Essa é a principal dificuldade, ter de atingir pessoas mais velhas e que estão sem estudar há algum tempo.
11	Acho mais “difícil” o planejamento para o 8º ano pela idade dos alunos e também porque trabalhei sempre com alunos do Ensino Médio, tenho mais familiaridade com o Ensino Médio.

Na minha percepção, os professores se dividem entre aqueles que colocam a dificuldade e a culpa no aluno, representados pela maioria, e os professores que se autoavaliam.

Os Professores 1, 3, 4, 5, 6 e 8 colocam a dificuldade exclusivamente nos alunos, culpando-os por não terem maturidade suficiente para compreender o conteúdo. Esse argumento referente à maturidade dos alunos aparece de forma recorrente nas respostas, sendo visto como um “problema”. Se os professores reclamam da dificuldade de compreensão do conteúdo pelos alunos, não é a maturidade que deve ser levada em conta e muito menos julgada como um problema, até porque o professor deve adaptar-se às características típicas da idade dos alunos, mas sim a autonomia. O desenvolvimento da autonomia, considerado a finalidade da educação por Kamii (2005), significa ser capaz de pensar por si mesmo com senso crítico, buscando as verdadeiras causas das coisas e tendo em conta muitos outros pontos de vista. Logo, a falta de autonomia, a qual os professores talvez queiram se referir nas respostas, tampouco deve ser considerada um problema, pois o papel do professor é o de provocar, de propiciar a atividade do aluno para que este possa governar-se a si mesmo, e não o de culpar os alunos por não compreenderem o que lhes é exposto.

Os Professores 7, 9 e 10 colocam-se em uma situação de autoavaliação, na qual fazem uma reflexão sobre a *sua* dificuldade: abordar o assunto da aula com uma outra estratégia (Professor 7), planejar para outro perfil de aluno (Professor 9), conseguir atingir os alunos com outras propostas (Professor 10). O Professor 11 até considera a maturidade nas suas respostas, mas indica que isso também se relaciona com a familiaridade que ele tem de trabalhar com certo grupo de alunos.

Grupo 5. Respostas relativas à solicitação do plano de ensino do professor pelo setor pedagógico da escola.

Quadro 15 - Respostas referentes à pergunta *Há alguma solicitação do setor pedagógico da escola quanto ao seu plano de ensino? Se sim, como é feita esta solicitação? Você utiliza seus planos de ensino após serem entregues ao setor pedagógico?* (pergunta 12).

Profº	Se existe solicitação		Como é feita a solicitação						Utiliza os planos de ensino entregues			
	Não	Sim	Entrega no início do ano letivo	Entrega no início de cada bimestre/trimestre/semestre	Entrega de registro do cumprimento dos conteúdos	O plano é feito a partir de modelo já estabelecido	Reuniões com o setor pedagógico que auxiliam no planejamento	Outro	Não	Poucas vezes	Na maioria das vezes	Sempre
1		x	x								x	
2		x	x		x	x						x
3		x	x								x	
4		x	x								x	
5		x						O planejamento é realizado no final de cada ano para o ano letivo seguinte.			x	
6		x	x		x						x	
7	x											
8		x			x		x				x	
9		x	x	x								x
10	x											
11	x											

O Professor 10 não precisa entregar qualquer material do seu planejamento ao setor pedagógico ou a outro departamento da escola e, de todo modo, é o professor que apresentou um material de planejamento bastante consistente, contextualizando o assunto das aulas e considerando propostas que aproximam os alunos de situações práticas das suas vidas (Quadro 18). Ou seja, não é a exigência de um planejamento elaborado feito pelo professor que qualifica o seu trabalho, mas é o próprio sujeito, ele ser coerente com a sua prática.

É interessante observar que todos os professores os quais entregam algo referente ao seu planejamento utilizam-no posteriormente. Assim, ao menos os planos não são feitos para serem inutilizados e ficarem esquecidos.

Os Quadros 16 e 17, apresentados a seguir, são analisados de forma conjunta.

Quadro 16 - Respostas referentes à pergunta *Você acredita na validade e na ação prática dos planos de ensino que são feitos por solicitação do setor pedagógico? Por quê?* (pergunta 13).

Profº	
1	Não. Um planejamento feito somente por solicitação do setor pedagógico tem pouco efeito prático na sala de aula. O planejamento, mais do que uma obrigação burocrática, deve surgir da vontade do professor de melhorar sua prática.
2	Sim. Acho que a escola deve ter documentado os planejamentos anuais de todas as áreas de estudo. A partir dos planejamentos, é possível fazer um perfil da escola e dos seus alunos. A escola tem que funcionar como unidade em todos os turnos.
3	Não. Para a minha prática, serve como documento norteador, mas arrisco dizer que o setor pedagógico sequer lê tais documentos.
4	Não. Não acredito na validade como uma solicitação ou exigência do setor pedagógico, mas sim importantíssimo partindo de cada professor, cada professor deveria possuir o seu plano, elaborado em horários especiais próprios para o seu planejamento e, juntamente com professores do mesmo componente e de outras áreas do conhecimento e da mesma área principalmente.
5	Sim. Porque o planejamento dos conteúdos nos dá subsídios para elaborar as aulas, as saídas de estudos, os materiais pedagógicos e de laboratório...
6	Sim. É mais um momento próprio para refletir e adequar o tempo disponível ao conteúdo solicitado pelo setor pedagógico.
7	Sim. É preciso esclarecer que o setor pedagógico orienta o desenvolvimento das atividades do professor. E isto é importante e necessário. Talvez não exista uma maior formalização deste processo.
8	Não. Muitas vezes, são realizados para cumprir um programa. São feitos no início do semestre quanto ainda não temos conhecimento dos alunos.
9	Sim. Se depender só de mim, sim, mas algumas vezes ocorre que pela correria do dia a dia, acabamos não conseguindo finalizar tudo como planejamos.
10	Não respondeu.
11	Não. Costuma ser uma ação pró-forma, apenas para cumprir um protocolo. Quando são feitas por solicitação, geralmente são entregues em uma única data e não tem como manter (seguir) um plano durante todo o ano sendo que é feito pontualmente, numa data do ano.

Quadro 17 - Respostas referentes à pergunta *Para você, a exigência da escola quanto ao planejamento dos professores é (marque de um a três itens)* (pergunta 14).

Profº	Apenas burocracia e que inutiliza o planejamento	Oportunidade de troca de ideias com os colegas	Cobrança formal sem que seja lido e nem discutido o planejamento	Forma de acompanhamento do professor, auxiliando-o	Uma perda de tempo
1		x			
2		x		x	
3		x	x		
4			x		
5		x			
6				x	
7	Não respondeu.				
8		x			
9		x		x	
10	Não respondeu.				
11			x		

As respostas dos Quadros 16 e 17 parecem expressar o momento no qual os professores foram mais reflexivos quanto ao seu trabalho, considerando o planejamento como algo crucial. Seria ideal e me alegraria muito que todos os professores pensassem como os Professores 1 e 4, os quais se posicionam como os sujeitos da própria prática, aqueles que têm a iniciativa e que buscam a melhora do seu trabalho por meio do planejamento (Quadro 16). Esses professores percebem a necessidade de realizar o planejamento sem que este tenha de ser exigido pela escola, ação que é definida pelo Professor 4 como uma cobrança formal (Quadro 17).

Os professores posicionam-se igualmente quanto a acreditar ou não na validade e na ação prática dos planos de ensino feitos por solicitação exterior (Quadro 16). Os Professores 1, 3 e 8, embora não acreditem, consideram que os momentos de planejamento coletivo são uma oportunidade de troca de ideias com os colegas (Quadro 17). Mesmo assim, o Professor 3 também considera a exigência da escola como uma cobrança formal e arrisca mencionar que o setor pedagógico não lê o que é entregue do planejamento dos professores (Quadro 16).

Os Professores 2, 5, 6 e 9, os quais acreditam no planejamento feito por solicitação externa (Quadro 16), posicionam-se favoravelmente ao definir essa atividade (Quadro 17).

Em suma, parece-me que os professores ao menos não negam a importância do planejamento e não o fazem porque alguém manda, e isso implica na realização de um bom trabalho.

A seguir, apresento a relação do material de planejamento entregue pelos professores (Quadro 18).

Na maioria das vezes, tive acesso ao plano e não ao planejamento, o que talvez possa ser explicado pelo fato de os professores entregarem o material que tinham no momento. Nada os impedia de, talvez, perguntar se eu poderia voltar à escola para me entregarem algo a mais que não estava com eles, algo mais relacionado ao planejamento em si, ou até fazer isso por meio de correio eletrônico. Mesmo assim, o que realmente mais recebi foi o plano.

Entretanto, o fato de o professor entregar o plano não significa que não exista um planejamento anterior, o que pode ser deduzido a partir dos materiais apresentados.

Quadro 18 – Relação dos materiais de planejamento entregues pelos professores de Ciências e de Biologia.

Profº	Material entregue
1	<p>Diários de Classe, os quais são compostos pelas chamadas das turmas e pelas atividades desenvolvidas nas aulas. Percebe-se o mesmo roteiro de aula para diferentes turmas.</p> <p>Avaliações já realizadas pelos alunos, algumas mais tradicionais e pontuais do conteúdo, e uma específica acerca de um trabalho investigativo.</p> <p>Planos de ensino de Biologia, os quais são produzidos junto aos outros professores de Biologia. O professor afirmou utilizar apenas o programa de conteúdos referido nos planos.</p>
2	<p>Duas folhas de caderno contendo um plano de aula cada, os quais este professor nomeia “Planejamento de aula”. Os planos indicam os objetivos da aula e o modo como os alunos serão avaliados para atingirem o índice de aprendizado satisfatório, ambos muito pontuais e tradicionais.</p> <p>Uma prova de recuperação de estrutura objetiva com perguntas bastante pontuais sobre o conteúdo.</p> <p>Uma das formas de avaliação comentada pelo professor é dar “Visto” nas atividades feitas pelos alunos porque, assim, conforme dito pelo professor, eles são avaliados continuamente e não apenas pelas notas de provas.</p>
3	<p>Planos de ensino de Biologia, os quais são produzidos junto aos outros professores de Biologia, sendo que o professor utiliza apenas o programa de conteúdos referido. Plano formal de cada aula não existe.</p> <p>Planejamento de ensino produzido pelo professor, o qual indica os objetivos, o conteúdo, a metodologia (com atividades bastante diferenciadas a serem realizadas com os alunos) e o cronograma de aulas.</p> <p>Documento produzido pelo professor no qual ele relaciona os métodos avaliativos com os objetivos de aprendizagem pretendidos. Esses objetivos são referentes exclusivamente ao conteúdo. O professor relaciona bastante a questão da avaliação com o planejamento.</p> <p>O professor planeja o próprio material a ser utilizado com os alunos.</p>
4	<p>Caderno com as anotações da matéria a ser transmitida aos alunos e as atividades a serem realizadas. A maioria das atividades relaciona o cotidiano dos alunos e o professor foi quem produziu os materiais; as perguntas dos trabalhos avaliativos não requerem tanto a memorização, mas sim o exercício de</p>

	relacionar ideias e conceitos; há uma atividade relacionada a um filme assistido em aula; há estudos dirigidos. A cada ano, o professor faz um novo caderno, com novas anotações.
5	Cadernos com as anotações da matéria a ser transmitida aos alunos (exatamente o que é passado no quadro) e as atividades a serem realizadas. Percebe-se exatamente o mesmo plano de aula para turmas do mesmo ano. As atividades pretendidas são: exercícios copiados do livro didático (muito pontuais, relacionados apenas ao conteúdo), leituras de material sobre o conteúdo, leituras complementares do livro didático, uma atividade mais diferenciada sobre a produção de um texto, protocolos de aula prática no laboratório. A cada ano, o professor faz um novo caderno.
6	Protocolos de aulas práticas no laboratório, os quais iniciam com a lista de materiais a serem utilizados, o procedimento de trabalho e algumas perguntas para a discussão dos resultados. Arquivos de aulas em slides, nas quais apenas o conteúdo é apresentado, sem que haja referência a assuntos mais cotidianos que contextualizem o conteúdo. Os exercícios propostos no livro didático são bastante utilizados. O professor relatou dois projetos desenvolvidos, os quais constituíam-se na produção de vídeos pelos próprios alunos.
7	Não obtive o material de planejamento deste professor.
8	Não entregou qualquer material, mas comentou sobre suas aulas. Usa o livro didático em praticamente todas as aulas para que os alunos vejam as figuras relacionadas ao conteúdo. Gosta muito de usar figuras e esquemas do livro didático. Utiliza cópias de outros livros didáticos, de jornais, de revistas (de uma especificamente). Desenvolve atividades utilizando os exemplares de animais do laboratório, maquetes do corpo humano. Não faz aulas práticas com frequência.
9	Não entregou qualquer material, mas comentou sobre suas aulas. Planeja as aulas pensando em quais perguntas podem surgir por parte dos alunos, sendo que a aula se desenvolve a partir disso: o professor expõe um pouco do conteúdo, faz perguntas aos alunos para que estes desenvolvam sua opinião, e eles respondem. Comentou sobre uma aula na qual os alunos levantaram vários argumentos a respeito de uma temática e debateram sobre isso. Utiliza vídeos em quase todas as aulas (tem seu próprio equipamento de som e de imagem).
10	Uma aula prática, a qual inicia com um texto que introduz e que contextualiza tanto a temática quanto a atividade prática, seguida dos materiais necessários para a atividade, o procedimento do experimento, um novo texto que contextualiza o resultado do experimento e que o explica, e algumas perguntas de reflexão e discussão sobre o experimento. Os textos são compostos de espaços em branco para que os alunos completem com as palavras adequadas. Outra aula prática que inicia com um texto introdutório sobre a temática, seguida do procedimento para o experimento. Os textos de ambas as aulas parecem ter sido produzidos pelo próprio professor.
11	Não entregou qualquer material, mas comentou sobre suas aulas. Organiza os planos de aula e sempre anota novas ideias para as aulas. Comentou sobre uma atividade lúdica realizada.

Dentre os materiais entregues, o material do Professor 10 certamente parece ser o mais elaborado, o mais instigante, do qual pode-se deduzir a realização de um

planejamento anterior, já que o que foi apresentado representa o plano. Isso significa que o professor pensou sobre aquilo, gastou tempo, adequou a atividade ao grupo (EJA), contextualizando a temática e relacionando o conteúdo a um experimento prático que é próximo dos alunos. No Quadro 14, por exemplo, o professor comenta que a sua principal dificuldade é *“ter de atingir pessoas mais velhas e que estão sem estudar há algum tempo”*, o que evidencia um pensamento mais reflexivo quanto ao que irá acontecer em aula e que pode ser percebido no material entregue.

O fato de esse professor também produzir os próprios textos utilizados em aula evidencia que ele é disposto a fazer algo a mais, a fazer diferente na tentativa de conquistar o aluno. Produzir o próprio material não significa que este é melhor do que o já pronto ou que isso deve ser feito sempre, porém, essa prática demonstra um interesse maior em adequar a atividade para o que se conhece dos alunos.

O material do Professor 2, por outro lado, mostra não ter planejamento algum. Os planos de aula desse professor apresentam objetivos para a aula bastante pontuais, muito parecidos, por exemplo, com os objetivos que aparecem nos livros didáticos. As propostas de avaliação aparecem como exercícios do livro a serem feitos no caderno, e o aprendizado é considerado satisfatório se o aluno responder a todas as questões do livro. Nada disso pode ser considerado como planejamento, pois são apenas ações mecânicas que esse professor organiza – e não que planeja – para realizar em aula.

Além de dispor do material de planejamento dos professores, observei a aula dos Professores 4 e 5, relatadas a seguir, as quais possibilitaram verificar, na prática, o produto do planejamento desses professores.

Quadro 19 – Relato da observação da aula de Biologia do Professor 4.

Aula de Biologia

Temática: Embriologia

Duração da aula: dois períodos de 50 minutos cada

No primeiro período, foi realizado o pré-conselho com os alunos, uma vez que o professor é o conselheiro da turma. O professor ficou um tanto preocupado quanto ao que eu poderia

registrar da aula porque esse momento não havia sido previsto e, por isso, eu não teria a chance de observar a atividade completa a ser realizada pelos alunos. No entanto, expliquei-lhe que não havia qualquer problema em observar o pré-conselho porque essa atividade também faz parte do cotidiano escolar e que, portanto, representou uma situação natural da aula.

Durante o pré-conselho, o professor comentou que levaria a outra turma do mesmo ano a uma saída de estudo e que verificaria a possibilidade de também levar esta turma devido ao interesse manifestado pelos alunos.

Após esse primeiro momento, a atividade planejada para a aula iniciou. Organizados em grupos, os alunos receberam pastas que continham páginas retiradas de um livro didático acerca de diferentes assuntos sobre Embriologia. Cada grupo, então, ficou responsável por fazer um esquema com massa de modelar que representasse o assunto referido na pasta recebida, como tipos de ovos e clivagens embrionárias.

Há algumas aulas, os alunos já haviam se organizado para levar a massa de modelar para a atividade; no entanto, alguns não a tinham. O professor, com a intuição de que isso poderia acontecer, levou a sua própria massa de modelar e emprestou aos grupos que estavam sem material. Além disso, como o professor estabelece contato por meio de uma rede social com a turma, ele manteve o aviso nessa rede social para que os alunos levassem o material necessário à aula.

Os alunos iniciaram a atividade, alguns sem muito ânimo, e o professor transitava pelos grupos explicando a atividade mais especificamente, perguntando dúvidas e conversando com os alunos.

Por falta de tempo para terminar os esquemas de massa de modelar, os alunos finalizariam a atividade na aula seguinte, sendo que esta tarefa avaliativa substitui um dos testes que seria realizado.

Quadro 20 – Relato da observação das aulas de Ciências do Professor 5.

Aula 1 de Ciências

Temática: Célula animal e vegetal

Duração da aula: um período de 50 minutos

Tempo observado da aula: 15 minutos

Os alunos fizeram a apresentação dos seus trabalhos sobre a temática Célula. Cada grupo posicionou-se perante a turma e apresentou o seu modelo criado da célula animal ou da célula vegetal, explicando quais as diferenças entre elas e destacando as funções das organelas. Ademais, os alunos destacaram os materiais utilizados na elaboração das maquetes, os quais foram muito diferenciados e criativos.

A explicação dos alunos sobre a célula e as organelas era sempre a mesma, isto é, eles acabavam repetindo o que um grupo já falara porque o assunto era sempre o mesmo, o que pode ter contribuído para que os que assistiam à apresentação, ainda que em silêncio, demonstrassem falta de atenção. A apresentação parecia acontecer apenas para o professor.

Uma das alunas fotografou cada grupo junto a sua maquete para que, em outro momento, as fotos fossem publicadas em uma rede social compartilhada pela turma.

Anteriormente a esta aula, em uma conversa com o professor, ele explicou que os alunos estudaram a célula, tiveram prática em laboratório e desenharam-na em seus cadernos para, após, elaborarem as maquetes, ou seja, a intenção era de que os alunos se apropriassem do assunto para produzirem o seu próprio material.

Aula 2 de Ciências

Temática: Solos

Duração da aula: um período de 50 minutos

A aula consistiu em uma saída exploratória pela escola para estudar os tipos de solo ali presentes. Para isso, os alunos levaram consigo lupas cedidas pelo professor e um caderno para anotações e desenhos, além de poderem fotografar ou filmar o que desejassem. Posteriormente à aula, os alunos deveriam produzir um relatório referente à saída, relatando os tipos de solo encontrados e a saída em si.

Já no pátio da escola, os alunos reuniram-se ao redor do professor que falou sobre o ambiente onde estavam e apanhou um pouco de solo para os alunos verem e tocarem. Os alunos observavam o tipo de solo, seu aspecto, tamanho, cor e anotavam tudo. A cada tipo de solo, o professor perguntava aos alunos algumas definições, como qual a porcentagem dos seus componentes e o tamanho das partículas, a fim de que os alunos chegassem à conclusão do tipo de solo e o nomeassem. Houve poucas perguntas feitas por parte dos alunos que estavam atentos

à explicação e às próprias anotações, o que pode ter sido a causa de eles não terem interagido tanto com o solo em si, como apanhar uma quantidade do chão e utilizar as lupas que carregavam.

Impressionou-me positivamente o fato de a grande maioria dos alunos sempre responder às perguntas do professor. Entretanto, chamo a atenção de essas respostas serem sempre muito diretas e de maneira a parecer que os alunos “buscavam a palavra certa”, o que ilustrava a memorização do conteúdo e não o seu total entendimento e significação, uma vez que eles já haviam estudado o assunto em sala de aula. Não posso afirmar que os alunos não tenham apreendido realmente o conteúdo e apenas o tenham memorizado, porém ficou evidente que muitas vezes eles “se perdiam” em meio a tantas palavras (granito, argila, areia, arenito...).

Em um dos momentos da aula, uma aluna expressou-se dizendo: “*Bá, melhor aula do mundo*”. Fiquei contente ao ouvi-la pois relaciono a fala dela ao fato de a aula ter sido prática e, principalmente, de ter ocorrido fora da sala de aula, o que gera um entusiasmo diferenciado nos alunos. Vários espaços ao ar livre foram explorados.

Ao final da aula, o professor perguntou se os alunos gostaram da aula e eles responderam que sim. O professor, então, disse que poderiam acontecer mais aulas como essa e os alunos concordaram.

Ao fazer uma análise do que observei nas aulas, é possível perceber que os professores organizaram muito bem as atividades, que tinham propostas bem definidas e diferenciadas, objetivando a realização de exercícios mais práticos. Gostei muito do que vi, e, em comparação àquelas aulas observadas no meu estágio docente, já mencionadas anteriormente, essas aulas sim tiveram um planejamento elaborado.

Sobre a aula do Professor 4, destaco o aspecto lúdico presente na atividade com a massa de modelar, a qual permite que os alunos explorem, por exemplo, o sentido do tato, tão pouco estimulado em sala de aula, a imaginação e a interação na conversa com os colegas. Além disso, as pastas que continham o conteúdo a ser desenvolvido são um detalhe que suscita a sensação de mistério e de surpresa na expectativa de recebê-las. Não evidenciei essa surpresa nos alunos, o que não desmerece de qualquer maneira a iniciativa do professor.

No que se refere às aulas observadas do Professor 5, noto sua preocupação em que os alunos se detenham muito ao conteúdo, o que acaba resultando apenas na memorização

dos conceitos e não no exercício do pensamento. Apesar disso, somente o fato de sair pela escola e fazer a aula acontecer em outros espaços, como na aula da saída exploratória, proporciona ao aluno uma experiência diferente e prazerosa, tal como expressado por uma das alunas ao referir-se àquela aula como a melhor do mundo.

Ainda assim, sem a pretensão de depreciar as aulas observadas e muito menos de sugerir que elas pudessem ter sido planejadas de outra maneira, arrisco comentar, também baseada na minha análise do material de planejamento desses professores, que o que eles tinham era o planejamento da aula, as atividades que seriam desenvolvidas para trabalhar o *conteúdo*, e não o planejamento amplo pretendido para a transformação, aquele que parte de questões mais abrangentes: “o que quero com a aula?”; “o que quero construir junto aos alunos?”; “por que vou trabalhar este assunto com os alunos?”.

A fim de compreender o processo de planejamento dos professores – se ele acontece, como acontece, se os professores se dedicam a ele – e também de abranger o entendimento desse processo segundo quem possui uma visão ampla e geral do trabalho docente, são apresentadas, a seguir, algumas falas dos supervisores e coordenador pedagógicos entrevistados, reunidas em sete temáticas que visam a sintetizar o que foi pretendido nas entrevistas.

Temática 1 – Como o supervisor/coordenador percebe o entendimento do planejamento pelos professores – é entendido na perspectiva da mudança da realidade?

Entrevistado A: *“A grande maioria, pelo menos, pensa dessa maneira.” “Nesta escola, 90% dos professores são assim.”*

Entrevistado B: *“Sim.” “Trabalhamos com tema gerador, cada professor desenvolve dentro da sua área, trabalhando os conhecimentos da sua área junto com a questão da mudança da realidade.”*

Entrevistado C: *“É difícil dizer que todos têm esse olhar. Acredito que sim, mas não seria a maioria.” “Ainda é preciso desafiar mais o grupo.”*

Temática 2 – Como o supervisor/coordenador percebe a prática dos professores quanto à realização de aulas diferentes, inovadoras

Entrevistado A: *“Acontecem muito. É muito presente no Ensino Médio.” “Os professores mais antigos ainda têm aquela questão de copiar exercício e colar.” “Existe também a aula mais tradicional. Não é sempre uma festa.”*

Entrevistado B: *“Bastante.” “Há muitos professores que até tentam muitas coisas diferentes.” “No geral, percebo que os professores não se acomodam.”*

Entrevistado C: *“Com certeza.” “Existe a preocupação em trazer situações diferentes.” “Alguns fazem mais e outros fazem menos. Precisamos crescer mais sempre.”*

Temática 3 – Uso do livro didático

Entrevistado A: *“A grande maioria não gosta, uns nem usam. Eles usam principalmente como referencial.” “Não seguem à risca a ordem dos conteúdos. Usam o livro como um instrumento de trabalho, mas não é o único instrumento.”*

Entrevistado B: *“Não é o único apoio e aqui não usamos muito o livro.” “Ninguém é preso ao livro, não é algo essencial.”*

Entrevistado C: *“Com certeza, os professores não usam o livro como essência das aulas.” “Começar pelo livro é ter 50% da aula perdida, pois o aluno perde o interesse.”*

Temática 4 – Papel do supervisor/coordenador no planejamento dos professores

Entrevistado A: *“Cem por cento.” “Pedi aos professores que são bastante ativos mostrarem aos outros professores tudo o que eles estão fazendo, mostrar toda a movimentação de trabalhos que acontecem na escola.”*

Entrevistado B: *“A primeira coisa é motivar.” “Construo junto com os professores, valorizo o que eles fazem.” “Pensamos juntos para mudar a aula que não deu certo.”*

Entrevistado C: *“Acompanhar muito, orientar mesmo. Isso é uma construção, não é algo já posto, até para o professor perceber o setor pedagógico como um apoio, para ajudar e não, necessariamente, um setor de cobrança.”*

Temática 5 – Participação do corpo docente no planejamento

Entrevistado A: *“O planejamento é construído em equipe, por áreas de conhecimento. Reúno-me com os professores e tentamos elaborar.”*

Entrevistado B: *“O nosso professor da Matemática terminou a reunião dizendo: ‘Nossa, como foi bom porque agora posso ver várias possibilidades do meu trabalho’. Esse professor começou a reunião falando que precisava trabalhar com pré-requisitos, mas ao encerrar a reunião, ele mudou a fala dele e isso foi bárbaro.” “As reuniões são uma continuidade do planejamento.”*

Entrevistado C: *“O grupo é muito disposto.” “Todos se envolvem, todos são muito participativos e buscam, de uma forma ou de outra, se encaixar na proposta.”*

Temática 6 – Uso dos PCN pelos professores como apoio para o planejamento

Entrevistado A: *“Muitos professores nem sabem que desenvolvem suas práticas baseados nos Parâmetros.” “Para a nova geração de professores, não se sentiu necessidade de mostrar os PCN.”*

Entrevistado B: *“A caminhada da EJA já veio antes dos PCN. Há material nos PCN que já discutimos, estudamos e elaboramos.” “Há muito tempo já trabalhamos com o que está nos PCN.”*

Entrevistado C: *“Normalmente, para fazer o planejamento, acredito que não utilizam.” “Os PCN já existem há um bom tempo e, então, isso já deve estar na raiz da ação do professor.”*

Temática 7 – Comprometimento dos professores na execução do planejamento entregue à supervisão/coordenação pedagógica

Entrevistado A: *“Sim, com certeza. Há o comprometimento.”*

Entrevistado B: *“Com certeza. Nas reuniões semanais, circulam os trabalhos feitos pelos alunos, os professores relatam o seu trabalho, o que dá certo, o que não dá certo.”*

Entrevistado C: *“Sim, com certeza.”*

Os entrevistados percebem que a maioria dos professores planeja e que isso possibilita a realização de aulas diferentes, e também consideram a preocupação dos professores para que situações assim ocorram. Além disso, os supervisores e o coordenador ressaltam a importância de desenvolver as atividades junto aos professores, de motivá-los e de ser um apoio a eles, para que também percebam nos supervisores as pessoas que podem ajudá-los, e não as que sempre lhes cobrarão algo.

Quanto à participação dos professores no planejamento, ela parece ser mais efetiva na escola do entrevistado B, talvez por esta trabalhar com tema gerador e, assim, necessitar de momentos coletivos de planejamento (não que nas outras escolas isso não seja necessário e importante). Há reuniões semanais fixadas em um dia da semana para que os professores, juntamente ao setor pedagógico, relatem e discutam as aulas acontecidas, bem como as próximas etapas do planejamento. Na escola do entrevistado A, pareceu-me que o planejamento coletivo é aquele realizado no início do ano, na elaboração dos planos de ensino, e que essa atividade talvez não aconteça ao longo do ano.

No questionário, metade dos professores indica que entregar planos de ensino ao setor pedagógico não tem tanta validade para ser colocado em prática, sendo que a outra metade acredita nessa validade, como comentado na discussão do Quadro 16. Os entrevistados, por sua vez, têm certeza da execução do planejamento que lhes é entregue. O comprometimento com esse planejamento parece ser bastante positivo na escola do entrevistado B, já que as reuniões semanais permitem um diálogo constante entre os professores acerca do que efetivamente planejaram, e o coordenador consegue perceber mais facilmente esse comprometimento. Possivelmente, os professores entrevistados das outras escolas apenas executam a parte do conteúdo programático presente nos planos, até porque é assim que parece que eles são construídos, como pode ser evidenciado no material entregue de alguns professores. É importante ressaltar que não considero que os professores precisem cumprir exatamente o que planejaram e que essa ação seja formal, mas pelo contrário, considero que o que eles planejam para ser entregue ao setor pedagógico tenha algum valor para eles e que seja feito com intencionalidade para realmente ser colocado em prática, senão, o plano acaba se tornando um documento simplesmente burocrático e o professor perde tempo na sua elaboração, sabendo que poderia utilizar esse tempo para algo mais produtivo e eficaz.

No que se refere ao uso do livro didático, os entrevistados afirmam que ele não é o único referencial das aulas e não é algo essencial. Os professores que responderam ao questionário indicam utilizar o livro didático e o ideal seria que este fosse mais um dentre os outros recursos que os professores utilizam, assim como expressam os supervisores e o coordenador. Sobre os PCN, percebe-se o trabalho feito nas escolas para que suas concepções estejam presentes na prática dos professores e que estes já teriam essas ideias “enraizadas”. Todavia, isso não parece ser tão real para os professores entrevistados.

No geral, percebe-se o empenho dos supervisores e do coordenador para que o planejamento aconteça e eles acreditam que acontece. Porém, pelo que apreendi na compilação dos questionários, do material de planejamento e das aulas observadas, o planejamento para a aula da maioria dos professores não parece ter a intencionalidade desejada como demonstram os entrevistados.

5. Considerações Finais

Ao iniciar este estudo, me deparei com a questão de querer estudar o planejamento, mas de não saber se eu deveria utilizar planejamento ou plano de aula ou, ainda, os dois como palavras de busca para a pesquisa. Naquele momento, apesar de eu ter o entendimento de que planejar é pensar na ação – por quê, o quê, para que(m) – e também refletir sobre ela, a dúvida permanecia na utilização das palavras. Após a compreensão da diferença entre as duas, foi possível estabelecer mais concretamente o rumo que este trabalho deveria tomar, o de investigar se os professores realmente planejam e o de apresentar o planejamento como necessidade para o professor. Todavia, não foi fácil estudar essa temática face ao universo de questões que ela envolve e à dificuldade enfrentada em estabelecer padrões para os objetos de estudo pretendidos.

O que se pode constatar de todo este percurso de investigação é que os professores confundem planejamento, que é o processo, com plano, que é o produto desse processo. Essa confusão aparece a todo o momento nas suas respostas, ou seja, de algum modo, os professores desconhecem a diferença entre os dois. Percebe-se que a grande maioria dos professores apenas têm atividades (“O que eu vou fazer na aula”) e não planejam efetivamente. Para o professor que planeja, o planejamento sempre está ali, está na essência do trabalho, ele permanece como guia da ação, e o que mudam são as aulas, as atividades a serem desenvolvidas com os alunos. A partir do planejamento mais amplo, parte-se para o planejamento das aulas. Se o professor apenas produz o plano, não há como este ser voltado à mudança da realidade, pois lhe falta a intencionalidade.

O planejamento para Ciências e Biologia, assim como para outras áreas consideradas mais “presas” ao conteúdo, como Física e Matemática, pode ficar comprometido pela existência da crença de ter que cumprir o programa, de ter que cobrar

dos alunos uma infinidade de conceitos. Se o professor fizer o exercício de perceber a relevância dos conteúdos propostos, isto é, se eles correspondem ao interesse dos sujeitos, certamente esse professor vai se envolver no planejamento, pois ele terá interesse nos resultados a fim de garantir o máximo possível para que eles possam se concretizar (VASCONCELLOS, 2010). Tendo os conteúdos como mediação, o trabalho do professor é fazer os alunos debruçarem-se sobre a realidade, tentando entendê-la (VASCONCELLOS, 2010).

Logo, não há justificativa para não planejar, afinal, para que o professor vai ao trabalho? Para ser piloto de livro didático, “dador” de aula? Ou para assumir sua responsabilidade social e o compromisso com as novas gerações? É necessário não se acomodar, não se sentir satisfeito com uma prática reprodutora de conhecimento, se recusar a fazer um trabalho sem sentido. Eu diria que é preciso *sujar-se*, e quem tem essa intenção, planeja de verdade. Assim, como afirmam Menegolla e Sant’anna (2003), a necessidade de planejar é sua própria justificativa e evidência.

6. Referências Bibliográficas

BALOTIN, Lisângela; KINDEL, Eunice Aita Isaia. Uma experiência de planejamento no ensino de ciências. In: XAVIER, Maria Luisa Merino; DALLA ZEN, Maria Isabel Habckost (Orgs.) **Planejamento em destaque: análises menos convencionais**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011. p.109-116.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais – 3º e 4º ciclos**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CHAER, Galdino; DINIZ, Rafael Rosa Pereira; RIBEIRO, Elisa Antônia. **A técnica do questionário na pesquisa educacional**. Evidência, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011.

DUARTE, Rosália. **Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo**. Cadernos de Pesquisa, CIUDAD, n. 115, p. 139-154, março. 2002.

_____. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar em revista, Curitiba: UFPR, n. 24, p. 213-255. 2004.

FORTUNA, Tânia Ramos. Sala de aula é lugar de brincar? A importância do lúdico no planejamento. In: XAVIER, Maria Luisa Merino; DALLA ZEN, Maria Isabel Habckost (Orgs.) **Planejamento em destaque: análises menos convencionais**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011 (Cadernos de Educação Básica, 5). p.117-132.

FUSARI, José Cerchi. **O papel do planejamento na formação do educador**. São Paulo, SE/CENP, 1988. 15 p.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. 200p.

KAMII, Constance. A autonomia como finalidade da educação. In: **A criança e o número; implicações educacionais da teoria de Piaget para a atuação com escolares de 4 a 6 anos**. 33 ed. Campinas: Papirus, 2005. p. 103-124.

KINDEL, Eunice Aita Isaia. **A docência em Ciências Naturais: construindo um currículo para o aluno e para a vida**. Erechim: Edelbra, 2012. 125 p.

LOPES, Antonia Osima. Planejamento do ensino numa perspectiva crítica de educação. In: VEIGA, Ilma Passos de Alencastro (Coord.). **Repensando a didática**. 10. ed. Campinas: Papirus, 1995. p. 41-52.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. (Temas Básicos de Educação e Ensino). São Paulo: EPU, 1986. 100 p.

MENEGOLLA, Maximiliano; SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que planejar? Como planejar?: currículo-área-aula**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. 159 p.

OLIVEIRA, Daisy Lara de. Considerações sobre o ensino de Ciências. In: _____ (Org.). **Ciências nas salas de aula**. Porto Alegre: Mediação, 1997. p. 9-18

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. 275 p.

SILVERMAN, David. **Interpretação de Dados Qualitativos**. Métodos para Análise de Entrevistas, Textos e Interações. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 376 p.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político pedagógico**. 21. ed. São Paulo: Libertad, 2010. 205 p.

ZABALA, Antoni. **Enfoque globalizador e pensamento complexo: uma proposta para o currículo escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2002. 248 p.

Anexos

Anexo 1 – Carta de Apresentação entregue às escolas



UFRGS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - DEPARTAMENTO DE ENSINO E CURRÍCULO

Porto Alegre, 09 de março de 2015.

Ilmo/a Sr/a Diretor/a,

Ao cumprimentá-lo/a, apresento a acadêmica **Júlia Bortolini Moschetta** que está iniciando registros relativos a seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC – Licenciatura em Ciências Biológicas) com a temática “Planejamento em Ciências”.

Para a realização deste estudo pretende-se entrevistar, por meio de um questionário, professores de Ciências e/ou Biologia da Educação Básica, sendo que as entrevistas são curtas não tomando mais do que 15 minutos do tempo do professor.

Os entrevistados assinarão um termo de Consentimento Livre e Esclarecido cabendo ressaltar, entretanto, que os dados que serão divulgados não possibilitarão sua identificação e nem da Instituição a qual pertencem, seguindo as normas de ética na pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Agradecendo sua atenção e cooperação, despeço-me.

Att.,

Eunice Aita Isaia Kindel
Professora do Depto.de Ensino e Currículo
Faculdade de Educação/UFRGS
E-mail: eunicekindel@gmail.com
Fone: 99557050

Anexo 2 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelos sujeitos da pesquisa



UFRGS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - DEPARTAMENTO DE ENSINO E CURRÍCULO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado/a a participar de pesquisa relacionada à temática “Planejamento”.

A sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a Instituição. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder um questionário sobre aspectos e opiniões pessoais do seu trabalho como professor e, se possível, emprestar apenas para consulta parte de seu planejamento de aulas.

O benefício relacionado com a sua participação será a contribuição com a pesquisa no campo da Educação, cabendo ressaltar que os dados que serão divulgados não possibilitarão sua identificação, seguindo as normas de ética na pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Abaixo segue contato por e-mail que você poderá copiar caso queira tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Pesquisadora: Júlia Bortolini Moschetta
TCC/ Licenciatura em Ciências Biológicas

Orientadora: Eunice Kindel
Professora Associada do Depto. de Ensino e Currículo

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Sujeito da pesquisa

Pesquisadora: Júlia Bortolini Moschetta
Contato: juliamoschetta@gmail.com

DEPARTAMENTO DE ENSINO E CURRÍCULO
Av. Paulo Gama, s/nº - Prédio 12201 - 9º andar - Sala 909
90046-900 - Porto Alegre/RS
Fone (51) 3308 3267 - Fax (51) 3308 3985
E-mail: dec@ufrgs.br

Anexo 3 – Entrevistas realizadas com a supervisão e coordenação pedagógica

ENTREVISTA A

ENTREVISTADO: Supervisor Pedagógico do Ensino Fundamental

PERGUNTA 1 - Se o que vai acontecer em aula é apenas a transmissão de conteúdo e listagem de exercícios, não é necessário que o professor planeje. O verdadeiro planejamento é aquele no qual o professor se coloca na perspectiva de mudança da realidade, ou seja, o professor planeja com um desejo de intervenção na vida do aluno, tendo disposição para dar significado aos conteúdos; o professor está marcado pela busca da melhoria, pelo compromisso com a transformação, apoiando o aluno para que este entenda que ele é o sujeito da própria aprendizagem.

(Leu a primeira frase da Pergunta) *Nossa, mentira, isso não é verdade.* (Leu o resto da Pergunta) *Perfeito, concordo com isso.*

a) Você acha que o planejamento de aulas é entendido desta maneira – da mudança da realidade – pelos professores?

Com certeza. A grande maioria, pelo menos, pensa dessa maneira. Os professores ficam indignados quando o aluno reclama da aula porque não quer pensar. O professor muda a aula, muda o estilo, leva passear, leva para isso, faz pesquisa, etc. De que outra maneira se faz, então? O professor fica indignado com a falta de motivação.

Outra questão parte da escola que é a questão cultural, a questão social, a questão financeira. Mas o professor, enquanto ser que transmite o conhecimento, que organiza isso, que ajuda a organizar a cabeça dos alunos, tem essa visão (a visão de planejamento referida na pergunta). É este o compromisso que eles têm: o compromisso com a transformação; eles querem. Porém, muitas vezes percebe-se que a resposta não é a mesma por parte dos alunos. Nesta escola, 90% dos professores são assim.

PERGUNTA 2 - Há professores que vão além do trivial?

Isto é, que não apenas “passam matéria” aos alunos, mas que ousam fazer aulas diferentes, que visam a uma aprendizagem intencional e significativa, que têm interesse em acompanhar seus alunos, querendo que sua prática dê certo, e se não der, vão querer saber o porquê, pois estão envolvidos.

Com certeza. Isso é muito presente no Ensino Médio, até porque muitos dos professores do Ensino Médio formaram-se na UFRGS e, por isso, têm essa visão de que não é só transmissão de conhecimento, mas sim formar um cidadão. É essa a ideia. Há vários professores assim aqui na escola. Os professores mais antigos ainda têm aquela questão de copiar exercício e colar, mas como não há muitos professores assim, não faz muita diferença. Esses professores ficam mais no Ensino Fundamental porque os alunos são pequenos e esse perfil de professor não quer mudança, ele não acompanha o ritmo do Ensino Médio. Este balanço deve ser feito. O professor bem tradicional não se enquadra mais no perfil do aluno.

“E tu percebes aulas diferentes acontecerem?”

Acontecem muito. O aluno também faz a aula, ele é o agente participante principal, o que faz, o que trabalha, o que pesquisa, o que busca.

Há vários projetos na escola: de dança, de plantação, de Química, etc. Circula muita coisa aqui e a mudança é vista, além da mudança do interesse do aluno. Os alunos me procuram porque querem fazer parte do Grêmio da escola, querem participar e atuar. Eles saem do foco de chegar à escola, sentar, ouvir e ir embora. Eles querem é fazer algo, querem ajudar a transformar alguma coisa.

A escola tem o perfil de fazer acontecer e o professor que não faz, não consegue, não se enquadra, vai embora, pede para sair (exemplo do professor que pediu para sair porque, com seu modo tão formal e tradicional de ensino, não se enquadrou).

Tivemos um professor muito tradicional que fazia uma questão de prova valer, por exemplo, nota 2,34879. Eu dizia: “Professor, o que é isso?”. Tudo bem que no Ensino Fundamental ainda se trabalha com números, porque no Ensino Médio usam-se conceitos. Então, existem duas realidades. Porém, isso não significa que a numeração deve ser 2,34879. Eu disse a ele: “Professor, isso é quase desumano para o senhor corrigir!”. Então, esse professor pediu para sair, só que a Secretaria de Educação não liberou. Ele pediu para sair no ano passado, mas a diretora achou que mantê-lo na escola era torturá-lo, que se ele não queria ficar aqui, não tinha por quê. Tínhamos um professor disponível que cobriu as horas dele, senão ele não conseguiria sair. Então, ele não se enquadrou, ele era um professor extremamente tradicional que passava conteúdo, que copiava no quadro; o próprio aluno dizia assim: “Ah, professor, isso aí eu faço em casa”.

Existe também a aula mais tradicional, na qual é necessário que haja o registro das ideias, dos conceitos. Não é sempre uma festa.

b) Em que proporção isso aparece?

A grande maioria, com certeza.

c) Como você percebe o uso do livro didático na prática dos professores?

- importante, de uso essencial

Não. A grande maioria não gosta, uns nem usam. Eles usam principalmente como referencial.

- não deve ser usado como único apoio didático, etc.

Exatamente. O livro é usado, mas os professores não seguem à risca a ordem dos conteúdos. Eles usam o livro como um instrumento de trabalho, mas não é o único instrumento. Os professores também dizem: “Ai, eu não gosto, a matéria é horrível, a maneira como ele trata é tão superficial”, “Ai, essa matéria não vou dar agora, só no ano que vem, só dou no final do ano”. De modo geral, os professores respeitam o livro e o escolhem porque devem escolher, mas muitos não concordam tanto.

“O uso de outros recursos é incentivado?”

Os professores usam muito outros recursos. Há os professores que compraram o seu (caixa de som, datashow) porque a escola não dá conta. Existe o compromisso de o professor ter o seu próprio material para poder planejar uma aula mais dinâmica, podendo passar vídeos, fazer pesquisas. É possível sair da monotonia, mesmo que não seja sempre, já que, às vezes, há a aula mais tradicional.

PERGUNTA 3 - Sabendo que o papel do professor é provocar situações em que os interesses possam emergir e o aluno possa atuar; propor ações que favoreçam a elaboração do conhecimento de forma crítica, criativa, significativa e duradoura; favorecer a articulação das várias aprendizagens do aluno em torno de um projeto de vida; e também ser um mediador do processo de socialização que se dá na escola,

Sim, esse é bem o papel do professor. Esse é o professor ideal para a escola; alguns não conseguem ser, muitos conseguem. Alguns não fazem nada disso e ainda acham “Eu vim aqui só para ensinar, para transmitir conhecimento”, mas a grande maioria não faz assim, é bem preocupada com a aprendizagem, chamam os pais para ver o que está acontecendo.

a) Qual o seu esforço pessoal para que o professor entenda o planejamento e, mais ainda, PLANEJE para que o seu papel seja efetivo e significativo, na perspectiva da mudança da realidade?

Cem por cento. Atendo todas as solicitações do professor; chamo os pais; se o professor necessita algum material, peço à direção. Na medida do possível, é preciso atender às solicitações dos professores.

b) Você lida com professores: acomodados, resistentes à mudança, desmotivados, que não querem inovar sua postura tradicional, muito preocupados com o conteúdo (em ‘passar o conteúdo’) e pouco com o aprendizado, resistentes em pensar juntos?

Lido com tudo isso. Para alguns professores se traz, para outros, se mostra numa reunião. Em uma das nossas reuniões, por exemplo, pedi aos professores que são bastante ativos mostrarem tudo o que eles estão fazendo, mostrar toda a movimentação de trabalhos que acontecem na escola. Alguns professores nem ao menos se interessaram, dizendo: “Eu não faço nada mesmo”.

Como é falar sobre planejamento com esse perfil de professor?

Não posso dizer que esses professores têm que mudar porque às vezes eles não sabem como mudar. Tenho que mostrar e agradecer a quem está fazendo diferente, e o professor que quiser participar disso pode falar comigo ou com os professores que fazem. De uma maneira educada, é preciso chamar o professor para o compromisso. É assim que tem que ser feito.

PERGUNTA 4 - Conhecendo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), documento elaborado pelo MEC, referencial para os Ensinos Fundamental e Médio, que auxilia o professor na elaboração de planejamentos e o orienta na busca de novas abordagens e metodologias, que caracterizam-se pela inovação e preocupação em formar um sujeito mais capacitado a utilizar o que aprende para sua vida,

a) Você acha que os professores utilizam os PCN?

Os Parâmetros são bem amplos. De repente, muitos professores nem sabem que desenvolvem suas práticas baseados nos Parâmetros. Como os professores vêm com essa energia, eles acabam utilizando os PCN só que nem se dão conta.

“Tu achas que, no caso, eles não conhecem os PCN?”

Alguns conhecem porque aprenderam na faculdade, já que na faculdade se tem uma visão muito ampla. Os professores têm essa visão ampla, mas não se deram conta, por exemplo, que o que fazem está embasado nos PCN.

“A ideia saiu do professor, mas isso está nos Parâmetros.”

Isso, está embasado.

b) Você já teve que apresentá-lo a algum professor?

Fizeram isso há alguns anos (uns 5 anos). Para a nova geração de professores, não se sentiu necessidade de mostrar os PCN. Os PCN foram mostrados aos professores mais velhos que continuam na mesma.

“E tu mostraste para esses mais velhos e ficou na mesma?”

Exato, de nada adiantou. Para os professores novos não temos precisado mostrar, mas os novos são da UFRGS.

PERGUNTA 5 - É solicitado algum documento referente ao planejamento do professor?

Sim, eles têm que entregar à supervisão o seu planejamento de cada trimestre. Os professores dão um apanhado geral no planejamento do ano. Sou eu quem peço isso a eles porque gosto de ter tudo organizado, que cada professor coloque o conteúdo resumido, as datas das avaliações prováveis e o peso

das avaliações. Isso porque se algum pai perguntar, posso responder por aquilo que o professor me entregou.

Esse planejamento é construído em equipe, por áreas de conhecimento. Reúno-me com os professores e tentamos elaborar para o que não foi visto no ano que passou, para o que foi visto, etc. Mas aí depende de cada supervisor fazer do seu jeito.

b) De que forma é construído?

Em equipe.

c) Há o comprometimento da execução do que foi planejado nesses documentos?

Sim, com certeza. Há o comprometimento porque, no ano seguinte, o professor sabe o que conseguiu e o que não conseguiu dar de matéria e os pais cobram muito isso.

ENTREVISTA B

ENTREVISTADO: Coordenador Pedagógico das Totalidades Finais da EJA

PERGUNTA 1 - Se o que vai acontecer em aula é apenas a transmissão de conteúdo e listagem de exercícios, não é necessário que o professor planeje. O verdadeiro planejamento é aquele no qual o professor se coloca na perspectiva de mudança da realidade, ou seja, o professor planeja com um desejo de intervenção na vida do aluno, tendo disposição para dar significado aos conteúdos; o professor está marcado pela busca da melhoria, pelo compromisso com a transformação, apoiando o aluno para que este entenda que ele é o sujeito da própria aprendizagem.

a) Você acha que o planejamento de aulas é entendido desta maneira – da mudança da realidade – pelos professores?

Sim.

Aqui na escola, trabalhamos com tema gerador, o eixo da EJA, que é trabalhado durante todo o ano. A essência de planejamento vem da perspectiva freiriana que é o tema gerador. Os professores fazem um diagnóstico com os alunos. Neste ano, os professores começaram as atividades com o vídeo “On Off” (vídeo motivacional de Deivison Pedroza). Esse foi o vídeo que desencadeou a discussão em sala de aula para fazer o diagnóstico do que os alunos pensam. Alguns professores também trabalharam com outro vídeo.

O que os professores fazem é considerar as falas dos alunos nas discussões em aula acerca do vídeo e problematizam isso. A partir daí, elencam conceitos e buscam a questão da temática do tema gerador. Isso é feito por todos os professores e o debate acontece em todas as turmas.

Nas nossas reuniões semanais nas sextas-feiras, houve a reunião por área, seguida da reunião com todos os professores dos três turnos, os quais relataram e apresentaram o que está sendo trabalhado e quais as suas observações a partir das falas dos alunos. Neste momento, os professores estão na etapa de sistematizar e de elencar os conceitos que já apareceram nas discussões em aula e apresentarão isso na reunião geral para finalizar a temática geral.

Na nossa última reunião, discutimos muito a questão social, como o aluno se vê na situação atual e vê a diferença de gerações, até porque as turmas são compostas de pessoas de várias idades, de 15 a 60 anos. Então, o que surgiu dos relatos dos professores foi: para os alunos mais jovens, a questão do gênero; para os alunos mais velhos, a dificuldade em aceitar uma opção sexual, de eles dizerem como o mundo está mudado.

Cada professor desenvolve isso dentro da sua área, trabalhando os conhecimentos da sua área junto com a questão da mudança da realidade. A professora de Ciências, por exemplo, mostrou a questão da sustentabilidade, transformações climáticas.

PERGUNTA 2 - Há professores que vão além do trivial?

Isto é, que não apenas “passam matéria” aos alunos, mas que ousam fazer aulas diferentes, que visam a uma aprendizagem intencional e significativa, que têm interesse em acompanhar seus alunos, querendo que sua prática dê certo, e se não der, vão querer saber o porquê, pois estão envolvidos.

Sim, há muitos professores que até tentam muitas coisas diferentes e me dizem: “Ah, hoje deu tudo errado, tentei tal coisa e não deu certo. Da próxima vou fazer de tal jeito...”.

Há muita diversidade na escola: os deficientes visuais, as senhoras e senhores, os jovens e os deficientes mentais. Então, às vezes se planeja e dá tudo certo, mas outras, acontece tudo errado. No geral, percebo que os professores não se acomodam, tanto é que se dão conta de que se o aluno repete o semestre, não se repete o conteúdo. Muitos alunos falam: “Bah, achei que eu ia ter que ver tudo de novo”. Nunca é igual aqui.

Os conteúdos são uma forma de trabalhar os conceitos de um determinado campo do conhecimento. O conteúdo em si não é tão importante, o que importa são que conceitos são trabalhados para dar sentido ao que aprendem.

a) De que forma isso aparece?

Bastante. Quando os professores interagem, como nas reuniões de área que fizeram neste ano, nas quais eles expuseram e relataram os seus trabalhos, isso mexe um com o outro. O nosso professor da Matemática, que é uma área que sempre foi mais difícil, terminou a reunião dizendo: “Nossa, como foi bom porque agora posso ver várias possibilidades do meu trabalho”. Quando se fala com os professores de Matemática, eles sempre falam dos pré-requisitos que são necessários para o aluno: “Como vou mandar para o Ensino Médio um aluno que não sabe fórmula de Báskara?”. Esse professor de Matemática começou a reunião falando que precisava trabalhar com pré-requisitos, mas ao encerrar a reunião, ele mudou a fala dele e isso foi bárbaro. Ele é uma pessoa aberta, disposta a aprender e terminou a reunião dizendo: “Nossa, foi a melhor reunião da qual já participei porque vi as possibilidades de tanta coisa boa, tantas coisas com as quais posso trabalhar. Eu não preciso ficar só nos pré-requisitos, trabalhar da mesma forma”. Ele se possibilitou à abertura, ao fazer diferente.

No momento que se percebe que a escola tem o perfil de cada ano construir junto sua temática geral de planejamento, isso, de certa forma, se incorpora no grupo porque os professores se dão conta e ninguém quer ficar de fora.

Há os professores que acabaram de ingressar na escola e, por isso, estamos com uma grande mudança de professores. Há muitos veteranos que se aposentam neste ano, e isso acontece porque esses são os professores que começaram juntos na escola.

Os novos professores que chegam querem continuar o legado, o trabalho dos outros.

A escola é completamente diferente de quase tudo, há uma diversidade muito grande, e isso obriga os professores a pensarem as práticas. Por mais acomodados que sejam, não conseguem ser acomodados porque a diversidade os obriga a fazer diferente, porque o desafio é grande. É preciso sobreviver aqui, fazer um trabalho legal. Até para acompanhar a geração que está aí e que é outra; é uma outra forma de o jovem aprender, tendo o social muito presente, com as mídias em cima. Há o conflito de geração e de valores com os alunos: jovens e idosos. É preciso ter o jogo de cintura e mediar as situações, levando os alunos ao conflito de ideias e não ao conflito de pessoas. Aqui é um espaço de aprendizagem e também de ouvir e respeitar o outro.

b) Em que proporção isso aparece?

Isso tem muito a ver com a temática do planejamento e com as parcerias dos professores (interdisciplinares). Eles planejam juntos, há o trabalho coletivo. Sentem-se mais motivados com isso, a troca com os colegas. Eles juntam as turmas.

Há também aulas mais tradicionais, até pelo perfil do aluno mais velho que exige isso. Tem de tudo. Se não há o registro, parece que fica algo como que “sem aula”.

“Há os professores que se destacam com aulas diferentes?”

Há os professores que ousam mais, como os professores de Artes Plásticas, Teatro, História, Geografia, Português, Matemática. As professoras de Geografia e de História fundaram a EJA em Porto Alegre. A professora de Matemática, que entrou na escola há pouco tempo, incorporou o trabalho muito bem.

c) Como você percebe o uso do livro didático na prática dos professores? Importante, de uso essencial? Ou não deve ser usado como único apoio didático, etc.?

Não é o único apoio e aqui não usamos muito o livro.

Aqui na escola, temos salas ambiente, e os professores têm um kit de 30 livros nessas salas os quais usam quando lhes convêm, mas ninguém é preso ao livro, não é algo essencial, até porque faz pouquíssimo tempo que há livro para a EJA.

“E sobre o uso de outros recursos...”

Usamos muito as mídias, há o acesso à internet na sala de projeção, no átrio na entrada da escola. Usamos também muito o laboratório de informática, o qual é equipado com 25 computadores também com internet.

PERGUNTA 3 - Sabendo que o papel do professor é provocar situações em que os interesses possam emergir e o aluno possa atuar; propor ações que favoreçam a elaboração do conhecimento de forma crítica, criativa, significativa e duradoura; favorecer a articulação das várias aprendizagens do aluno em torno de um projeto de vida; e também ser um mediador do processo de socialização que se dá na escola.

a) Qual o seu esforço pessoal para que o professor entenda o planejamento e, mais ainda, PLANEJE para que o seu papel seja efetivo e significativo, na perspectiva da mudança da realidade?

A primeira coisa é motivar. Tenho uma relação muito boa de confiança, de segurança com os professores e também com os alunos. É importante perceber que todos têm algo a colaborar e que podem, que participam cada um do seu jeito. Há a responsabilidade social (princípios freirianos), trabalhar a inserção social, o sucesso e isso está dentro dos princípios da escola: a transformação da realidade, a construção da autonomia, o respeito às diferenças.

A sala de aula é um espaço de problematização da realidade e os professores trabalham muito com isso. Partir daquilo que os alunos veem, o que acontece e problematizar para que se possa sair da consciência ingênua para ir para a consciência crítica. É isso o que buscam.

Construo junto com os professores, valorizo o que eles fazem. A relação de confiança e de segurança estabelecida me possibilita estar junto com eles; eles me dizem se deu certo ou se deu errado e, então, pensamos juntos para mudar a aula que não deu certo. Os professores me procuram, eu seria um porto-seguro para eles, até pelo longo tempo que estou na escola e porque saí da função de professor para a de coordenação, mas sempre fiz parte do grupo.

b) Você lida com professores: acomodados, resistentes à mudança, desmotivados, que não querem inovar sua postura tradicional, muito preocupados com o conteúdo (em ‘passar o conteúdo’) e pouco com o aprendizado, resistentes em pensar juntos?

Não, nem em relação aos professores que chegaram há pouco tempo na escola.

PERGUNTA 4 - Conhecendo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), documento elaborado pelo MEC, referencial para os Ensinos Fundamental e Médio, que auxilia o professor na elaboração de planejamentos e o orienta na busca de novas abordagens e metodologias, que caracterizam-se pela inovação e preocupação em formar um sujeito mais capacitado a utilizar o que aprende para sua vida,

a) Você acha que os professores utilizam os PCN?

A caminhada da EJA já veio antes dos PCN. Há material nos PCN que já discutimos, estudamos e elaboramos. A EJA não tinha nada pronto, nós tivemos que criar a metodologia, a linha de trabalho, a linha pedagógica, as estratégias, com que material teríamos que trabalhar. Tudo. Há muito tempo já trabalhamos com o que está nos PCN. Por isso é tão diferente trabalhar na EJA.

A nossa escola é referência nacional para a EJA e muitas outras escolas se basearam e criaram a partir do que nós criamos juntos.

PERGUNTA 5 - É solicitado algum documento referente ao planejamento do professor?

Não é tão formal assim. É tudo feito muito junto.

a) De que tipo?

Há um material que registra o encontro das áreas. (Ele me mostrou o que foi entregue de Geografia e de História: a rede temática que foi planejada a partir de tudo aquilo relacionado ao vídeo motivacional: “O uso das tecnologia amplia a minha visão de mundo?” – esse foi o tema levantado com os professores. O material não era formal, assim como ele mencionou. Era uma folha e o que aparecia nela era um mapa conceitual das ideias desenvolvidas até o tema levantado). Isso eles sempre fazem. Depois também fica registrada a rede temática geral.

b) De que forma é construído?

No início do ano, planejamos com o que iremos trabalhar, como receberemos os alunos, qual será o pontapé inicial que desencadeará o diagnóstico, de que forma, o que os alunos farão. Isso é construído coletivamente em reunião geral com todos os turnos, o que acontece uma vez por mês..

c) Há o comprometimento da execução do que foi planejado nesses documentos?

Com certeza. Nas reuniões semanais, circulam os trabalhos feitos pelos alunos, os professores relatam o seu trabalho, o que dá certo, o que não dá certo. As reuniões são uma continuidade do planejamento. Também são vistas as atividades culturais, os eventos da escola. Tudo é visto junto.

ENTREVISTA C

ENTREVISTADO: Supervisor Pedagógico do Ensino Fundamental (séries finais) e do Ensino Médio

PERGUNTA 1 - Se o que vai acontecer em aula é apenas a transmissão de conteúdo e listagem de exercícios, não é necessário que o professor planeje. O verdadeiro planejamento é aquele no qual o professor se coloca na perspectiva de mudança da realidade, ou seja, o professor planeja com um desejo de

intervenção na vida do aluno, tendo disposição para dar significado aos conteúdos; o professor está marcado pela busca da melhoria, pelo compromisso com a transformação, apoiando o aluno para que este entenda que ele é o sujeito da própria aprendizagem.

a) Você acha que o planejamento de aulas é entendido desta maneira – da mudança da realidade – pelos professores?

É difícil dizer que todos têm esse olhar. Acredito que sim, mas não seria a maioria. Ainda há alguns professores com uma postura mais tradicional que percebem o planejamento mais focado na avaliação, no resultado e no conteúdo do que, necessariamente, no processo.

Esse olhar tradicional não é o olhar da escola, pois o trabalho da escola é sempre pensando no processo de aprendizagem e o objetivo da escola é que o aluno consiga se inserir nesse processo e consiga se perceber tão responsável quanto. O aluno como protagonista, tão participante quanto qualquer outro do processo de aprendizagem.

Vejo muito o planejamento aliado à questão da criatividade, do uso das tecnologias, de buscar novos recursos, de envolver o aluno na aula, de ele participar. O professor está focado nisso. O planejamento deve estar favorável à autonomia do aluno, à construção do aprendizado.

O que talvez ainda falte seja colocar o aluno ainda mais no papel de sujeito da própria aprendizagem do que apenas de receptor das informações. Às vezes, as aulas mais expositivas, mais tradicionais, com tudo pronto, e é neste sentido que vejo os professores mais tradicionais, acabam induzindo esse comportamento do aluno e ele não se desafia, não se questiona tanto. Ainda é preciso desafiar mais o grupo, desacomodar, desestruturar mais e, apenas no momento em que o planejamento focar na questão de promover mais perguntas, de não trazer as coisas muito prontas e de desenvolver com eles no momento da aula, será possível o aluno ser mais participante da aprendizagem. O professor acaba que planejando início, meio e fim e onde entra o aluno nisso se ele é realmente participante do processo? O aluno também deve agir nesse processo de transformação e não ser apenas espectador. Alguns professores precisam qualificar isso.

“Há professores que pensam que o planejamento é importante, mas não o fazem nessa perspectiva trazida?”

Não, o grupo é muito disposto. Nas reuniões pedagógicas, é lançada uma proposta e é muito raro o professor que não se envolve. Todos se envolvem, todos são muito participativos e buscam, de uma forma ou de outra, se encaixar na proposta. O planejamento é muito dinâmico e os professores são muito criativos, disponíveis, se organizam.

Os professores buscam inovações, algo que a escola sempre busca; eles precisam estar atentos às tendências do momento, como o jovem aprende hoje.

O fundamental que precisa estar no planejamento do professor é estabelecer uma comunicação, um vínculo com o aluno e se isso não acontece, não se estabelece a aprendizagem. E isso envolve conhecimento, informação, estudo, pesquisa. Quando o professor se dá conta disso e consegue esse vínculo e envolver o seu aluno, o aluno consegue realmente aprender, se sentir tão participante do processo.

PERGUNTA 2 - Há professores que vão além do trivial?

Isto é, que não apenas “passam matéria” aos alunos, mas que ousam fazer aulas diferentes, que visam a uma aprendizagem intencional e significativa, que têm interesse em acompanhar seus alunos, querendo que sua prática dê certo, e se não der, vão querer saber o porquê, pois estão envolvidos.

Com certeza. Atualmente, na escola, não tem como fazer diferente, não tem espaço mais para o professor que não estabelece o processo mais dinâmico, mais criativo, no qual o aluno é mais desafiado. Tem como ser diferente.

Eu, por exemplo, tenho feito o processo de passar em todas as salas de aula do 6º ano ao Ensino Médio de todos os professores. Já faço isso há duas semanas, mas ainda está em andamento. Tenho visto a dinamicidade, a criatividade concretamente na prática. Os recursos usados pelos professores são muito visuais, pois não dá para ficar só no auditivo; vejo outros tipos de aula, sendo aulas mais práticas, saídas exploratórias; os professores usam muito o laboratório de informática, os tablets e os alunos adoram. Há muitos recursos. Os professores também utilizam outros espaços físicos da escola.

Dentro da sala de aula, a forma com que o professor busca ligar o “conteúdo” com o que é estabelecido concretamente na vida dos alunos. Fizem isso a Química, a Física, a Biologia. Assisti a uma aula maravilhosa da professora de Biologia na qual houve um debate sobre os transgênicos. Existe a preocupação em trazer situações diferentes para despertar o conhecimento, a aprendizagem.

a) De que forma isso aparece?

Como comentei, utilizando as tecnologias, os diferentes espaços da escola, o pátio. Vi isso ao passar pelas aulas.

Ainda há algumas coisas bem tradicionais: a forma como estão colocadas as classes nas salas de aula, por exemplo, isso já mostra um estilo, uma postura de professor e uma de aluno. Então, às vezes é preciso mexer até no layout da sala de aula.

“Se os professores quiserem mudar a sala de aula, as classes...”

Sem problema algum, muito pelo contrário, damos o maior incentivo a isso. Hoje em dia, se não for feito assim, não se consegue mais trazer o aluno para perto do conhecimento, pois eles já têm tantas situações que são de fora da escola, que vivem nas suas famílias, que os distanciam da atenção, da concentração, do envolvimento. Há cargas pesadas para os alunos em casa ou em outros ambientes e, por isso, muitas vezes a escola fica de lado. Assim, no mínimo, nós precisamos entrar com outra postura para resgatar o aluno, senão não conseguimos estabelecer o trabalho.

É preciso sempre acreditar que o aluno é capaz de.

Houve o conselho participativo do Ensino Médio no qual os alunos conversaram com seus 15 professores e tiveram uma orientação. Os professores mostraram o que precisa para o aluno e, ao mesmo tempo, desafiando-o e também ajudando aos que precisavam de uma orientação no estudo. Isso tudo também faz parte do planejamento.

b) Em que proporção isso aparece?

É constante, está no dia a dia. Alguns fazem mais e outros fazem menos. Precisamos crescer mais sempre; é inerente ao trabalho do professor a pesquisa, o estudo sempre e a formação continuada sempre. Muitas vezes, o professor não tem tempo para se dedicar à qualificação do seu estudo porque trabalha muitas horas, tem atividades em mais de uma escola, a correria da entrega de atividades que a escola pede.

As várias atividades que o professor desenvolve na escola comprometem um pouco o planejamento, porque para um planejamento focado em fazer aulas diferentes, buscando uma qualificação a partir do que o jovem tem hoje como perfil, induz uma constante atualização.

O planejamento do professor tem um início, meio e fim, assim como a aula: tem o momento de Despertar os Conceitos nos alunos, a construção, no qual o professor traz as aulas diferentes, pois cria um planejamento que favoreça tudo isso. Ele precisa, então, Sistematizar esse conhecimento e aí parte para outras práticas mais de registro, de fixação por meio de exercícios, precisa usar alguma memorização. Neste processo, é preciso Avaliar, então o planejamento precisa medir em que momento a avaliação entra para saber se realmente o aluno aprende ou não, se ele está conseguindo ou não. Pela avaliação, o professor retoma o seu planejamento porque verifica o que conseguiu ou não com cada aluno. Aí, se preciso, entra o Estudo de Recuperação.

Isso é um círculo e é feito o tempo todo. O planejamento serve para isso.

Falo assim aos professores: “Vamos arriscar mais. Se der errado, não tem problema, se quebra a cara, mas se volta. Mas se não tentar, nunca se saberá se deu certo. É preciso tentar, vamos fazer”.

c) Como você percebe o uso do livro didático na prática dos professores?

Para o Ensino Fundamental, existe o livro didático. O Ensino Médio não tem livro porque trabalham nos módulos, que seria um livro didático de outra forma, organizado num fichário e tem todas as disciplinas que o professor utiliza.

Importante, de uso essencial? Ou não deve ser usado como único apoio didático, etc.?

O livro, inclusive o que passo de orientação, não pode ser o fim, ele precisa ser um apoio, um recurso. A aula não pode estar voltada para o livro ou para o módulo. O professor refere ao livro/módulo, usa como reforço, mas não se parte deles e sim de outra forma. Começa-se trazendo um contexto, os conhecimentos prévios. Começar pelo livro é ter 50% da aula perdida, pois o aluno perde o interesse. O livro deve entrar depois, lê-se para retomar o que foi construído anteriormente.

Com certeza, os professores não usam o livro como essência das aulas, até porque nas visitas que fiz às aulas, nenhum professor fez isso, até porque seria uma decepção.

PERGUNTA 3 - Sabendo que o papel do professor é provocar situações em que os interesses possam emergir e o aluno possa atuar; propor ações que favoreçam a elaboração do conhecimento de forma crítica, criativa, significativa e duradoura; favorecer a articulação das várias aprendizagens do aluno em torno de um projeto de vida; e também ser um mediador do processo de socialização que se dá na escola.

a) Qual o seu esforço pessoal para que o professor entenda o planejamento e, mais ainda, PLANEJE para que o seu papel seja efetivo e significativo, na perspectiva da mudança da realidade?

Acompanhar muito, orientar mesmo. Considero isso fundamental e isso é uma construção, não é algo já posto, até para o professor perceber o setor pedagógico como um apoio, para ajudar e não, necessariamente, um setor de cobrança.

Estudar para acompanhar os processos que mudam muito rápido.

Quero dar um retorno bem bacana aos professores a respeito das minhas visitas às aulas deles e eles estão curiosos.

No momento que se conhece quem é o professor, que ele pode ser parceiro, que ele está de corpo e alma no processo e que ele busca fazer o melhor, mesmo que erre e aí se reflete junto com ele, o envolvimento é maior. Os professores recorrem a mim quando sentem necessidade e, aí, digo a eles que se precisam de ajuda, que conversem comigo.

O trabalho das áreas integradas na escola é muito da minha especialização em Interdisciplinaridade, o que demanda um planejamento de muito tempo dos professores juntos em reunião pedagógica. Para o planejamento interdisciplinar, são precisos muitos momentos nos quais os professores possam estar juntos para conversar, partilhar e construir. Isso fica difícil às vezes.

O resultado de um planejamento interdisciplinar é muito bacana.

O plano político-pedagógico da escola é que o aluno consiga se perceber sujeito, singular, capaz de construir a sua própria história e ao mesmo tempo que ele assume este papel, ele também se perceber um agente transformador. Há dois vieses: o da individualidade - perceber e respeitar a individualidade do aluno, trabalhar para ele desenvolver suas capacidades e superar suas dificuldades - e o da coletividade - que o aluno consiga ser um bom cidadão, transformar uma melhor sociedade. É para a vida.

b) Você lida com professores

- acomodados: *Acomodados talvez não seria a palavra certa; tradicional seria melhor. Esse tipo de professor acredita no seu jeito e que é o jeito certo. É preciso desacomodar para buscar uma diferença, uma inovação.*
- resistentes À mudança: *isso existe mesmo, o professor é resistente à mudança, principalmente os da escola.*
- desmotivados: *A motivação é interna, mas despertar o interesse é externo, aí entra também o meu papel como supervisor.*
- que não querem inovar sua postura tradicional,
- muito preocupados com o conteúdo (em ‘passar o conteúdo’) e pouco com o aprendizado: *Não, eles são sim preocupados com o aprendizado, fazem várias atividades para os estudos dos alunos para as provas, publicam materiais no site da escola para que os alunos tenham para si; há muita revisão e fixação. Há uma preocupação para que o aluno realmente aprenda e consiga fazer uma boa prova.*
- resistentes em pensar juntos?: *Não. Todos participam no momento de planejar juntos. Não se colocam a não fazer.*

Sempre haverá o professor preocupado com o conteúdo e isso está na sua raiz. O professor tem autonomia para fazer e como chegar no conteúdo. Se é um professor com postura de inovação, de criatividade, ele testa, busca, mas esse professor não representa a maioria. Normalmente, a maioria busca na sua base, nas suas experiências aquilo que já viveu e que deu certo, com posturas mais tradicionais. Mas não são professores acomodados.

Há professores que mais rapidamente chegam lá e outros mais devagar, aí é preciso trabalhar mais com estes, conversar, fazer ele pensar e provocá-lo para que ele consiga, no mínimo, arriscar.

PERGUNTA 4 - Conhecendo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), documento elaborado pelo MEC, referencial para os Ensinos Fundamental e Médio, que auxilia o professor na elaboração de planejamentos e o orienta na busca de novas abordagens e metodologias, que se caracterizam pela inovação e preocupação em formar um sujeito mais capacitado a utilizar o que aprende para sua vida,

a) Você acha que os professores utilizam os PCN?

Normalmente, para fazer o planejamento, acredito que não. Já trabalhamos várias vezes os PCN.

Os PCN já existem há um bom tempo e, então, isso já deve estar na raiz da ação do professor.

Os professores sim conhecem os PCN porque isso foi trabalhado durante muitos anos, sempre nas reuniões de início de ano. Hoje, é revisado muito eventualmente.

b) Você já teve que apresentá-lo a algum professor?

Não, ao menos não com o grupo atual, já que eles fizeram um trabalho com os PCN anteriormente.

PERGUNTA 5 - É solicitado algum documento referente ao planejamento do professor?

Sim.

a) De que tipo?

É o plano de estudo. Ele apresenta os conteúdos e também algumas estratégias, propostas de como será trabalhado (situações de aprendizagem).

b) De que forma é construído?

Pela disciplina e depois é compartilhado com as outras disciplinas. Se há mais professores de uma disciplina, eles fazem juntos. É feito para o ano e dividido nos trimestres.

No Ensino Médio, o módulo já indica um pouco para o plano de estudo, mas nada que não possa ter flexibilidade.

Esse plano de estudo é entregue no final do ano anterior para já estar pronto para o ano seguinte.

c) Há o comprometimento da execução do que foi planejado nesses documentos?

Sim, com certeza.